

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
DABAR – Programa de Especialização em Formação Bíblica

Luzia Ribeiro Furtado

OS SOFREDORES NO CORAÇÃO DE DEUS
Palavra que ilumina

São Leopoldo

2012

Luzia Ribeiro Furtado

OS SOFREDORES NO CORAÇÃO DE DEUS
Palavra que ilumina

Monografia apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em Bíblia
da Escola Superior de Teologia,
como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista em
Bíblia.

Orientador: Francisco Orofino

São Leopoldo

2012

Sumário

Introdução	05
1. Rostos sofredores que nos interpelam	07
1.1. Comunidades indígenas e afro-americanas	09
1.2 As mulheres	10
1.3 Jovens feridos... violentados... mortos...	11
1.4 Pobres: sobreviventes à margem do mercado	12
1.5 As crianças: a fraqueza que denuncia o abuso da força	12
1.6 Os feridos que tornam vivas as “chagas” do Cristo Servo	13
1.7 Nas prisões o Servo continua nos chamando à conversão	14
Conclusão	14
2. A experiência do sofrimento no exílio	16
2.1 O Exílio na Babilônia: uma crise fecunda	17
2.2 O 2º Isaias e a profecia da esperança consoladora	21
2.3 O Servo de lahweh	25
2.4 O quarto Cântico: revelação da Palavra Criadora de lahweh	32
Conclusão	36
3. A releitura cristológica dos cânticos do Servo	37
3.1 “Tu és o meu Filho Bem amado, em ti me comprazo” (Mc 1,11// Mt 3,13-17// Lc 3,21ss; Jo 1,29-34)	38
3.2 “Tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças” (Mt 8,17)	39
3.3 “Com ele crucificaram dois ladrões, um a sua direita, o outro à esquerda” (Mc 15,28) – “Foi contado entre os criminosos...” (Is 53,12)	41
3.4 “Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?”(Lc 24,26)	43
3.5 “Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos...” (Is 53,11): “Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que	45

é derramado em favor de muitos.” (Mc 14,24)	
3.6 “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!” (Lc 1,38a)	47
Conclusão	48
4. A Palavra criadora na vida do Servo	49
4.1 A Palavra de Deus que anima a vida dos pobres	50
4.2 A Palavra de Deus fala pela vida dos pobres e sofredores	51
4.3 A Palavra de Deus chama à conversão e à solidariedade	52
4.4 “O Senhor lahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei”(Is 50,5)	54
Conclusão	56
Referências	58

Introdução

Contemplar o rosto do Servo Sofredor nos rostos sofridos dos pobres ao longo da própria caminhada de fé suscita uma permanente inquietação na vida e missão de muitos consagrados e consagradas inseridos nos meios populares.

O sentimento de impotência diante da dor, a indiferença que muitas vezes se constata até mesmo nos espaços eclesiais diante desta multidão deixada às margens da vida e o desejo de encontrar sentido em tudo o que parece não ter sentido é o ponto de partida deste trabalho de pesquisa na área da espiritualidade bíblica.

Encontrar um sentido na morte é viver com sentido, é antecipar a ressurreição. Encontrar o rosto de Deus escondido nos miseráveis é trilhar o caminho da misericórdia. Há um universo de pessoas indefesas à margem da tecnologia, do mercado, da vida, das Igrejas... Há homens e mulheres do outro lado da cidade, do lado de fora dos bancos, dos shoppings, das casas, dos hospitais. Como o Servo, estas pessoas desprezadas, deixadas de lado pelos homens, familiarizadas com o sofrimento, nos interpelam. Sua vida se torna na história uma Palavra criadora de Deus que chama à solidariedade, à compaixão, ao serviço e à misericórdia. Se ouvirmos esse chamado, a miséria será o lugar de onde poderemos nos tornar parceiros e parceiras de Deus na nova criação.

O presente trabalho nasce de uma experiência de ser sobrevivente de duras provas, do testemunho de sucessivas entregas e páscoas, e da proximidade com aqueles e aquelas que vivem na própria carne a opressão, o aniquilamento e a exaltação do Servo traduzida na teimosa esperança da “raiz que nasce em terra seca”.

Trata-se de um tema que vem sendo abordado por diversos estudiosos na área bíblica, teológica, antropológica e sociológica. Seguindo uma linha de reflexão libertadora, desenvolvemos o tema em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, partimos da realidade de sofrimento atual, contemplando nos rostos sofridos dos pobres da América Latina o rosto sofrido do Servo de Iahweh a partir da reflexão proposta no Documento de Aparecida.

O segundo capítulo é uma análise histórica que nos ajuda a percorrer um caminho de análise literária do texto de Isaias 52,13-53,12, a partir do contexto do exílio babilônico e das diversas teorias sobre os Cânticos do Servo de Iahweh.

No terceiro capítulo desenvolvemos uma releitura cristã da figura do Servo, aprofundando algumas expressões presentes nos Evangelhos que indicam a identificação de Jesus de Nazaré com o Servo. Para este capítulo um aporte significativo será um trabalho anterior sobre o Hino Cristológico de Fl 2,5-11, elaborado em vista da conclusão do curso de Teologia.

Finalmente, no quarto capítulo colhemos os frutos da reflexão procurando acolher a Palavra de Deus pronunciada para os pobres e na vida dos pobres hoje, chamando-nos à conversão e a assumir a condição de discípulos e discípulas de Jesus – o Servo, fazendo nossas as palavras de Is 50,5: *“O Senhor Iahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde nem recuei”*.

Procuramos ter presentes, ao longo de todo o trabalho, as interpelações e desafios atuais para a superação de uma mentalidade sacrificial. Buscamos nestas interpelações o referencial hermenêutico para a releitura deste Cântico como Palavra criadora e preche de sentido para o momento atual que coisifica o ser humano e já não vê nele um caminho para a compreensão do mistério da vida. A reflexão de Jon Sobrino sobre o mistério do Crucificado na vida crucificada dos povos latino americanos e o desafio de um agir solidário e profético e libertador que emerge desta leitura são referenciais teóricos que nos inspiram e nos unem à vasta gama de reflexão libertadora que ainda em nossos dias sustenta e anima a esperança dos pobres.

CAPÍTULO 1

ROSTOS SOFREDORES QUE NOS INTERPELAM

Vozes que clamam no silêncio

Existe um lugar a partir de onde é impossível cair, uma experiência limite a partir de onde a única atitude possível é a de levantar. Tal lugar e experiência é o vazio da queda, da exclusão e da morte.

Enquanto intelectuais debruçados sobre livros se lançam na pesquisa sobre o sentido da vida e da morte, homens e mulheres nos quatro cantos do mundo sentem o amargo sabor da experiência do vazio, da morte e do abandono nas periferias das grandes cidades, no campo, na angústia de ser migrantes, nos campos de refugiados e em inúmeras fronteiras entre a vida e a morte para onde o sistema lhes empurrou.

No momento de virada epocal em que a humanidade se encontra, quem consegue encontrar um sentido no vazio da morte aprende a viver com sentido, a tomar posição em gestos concretos de solidariedade, a antecipar a ressurreição... a testemunhar, invertendo toda a lógica humana, que o crucificado é o ressuscitado. Tal atitude pode se tornar subversiva e perigosa, mas é ponto de partida para recomeçar na esperança.

A Exortação Apostólica *Verbum Domini* (VD), escrita pelo Papa Bento XVI a partir do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, se inicia com a afirmação: “A Palavra do Senhor permanece eternamente”¹. Tal afirmação nos desafia a uma atitude de atenção e escuta, de contemplação e discernimento para colhermos entre tantos gritos e vozes, a voz e a Palavra Criadora que dá sentido à vida diante da situação atual.

Deus continua falando, chamando e tornando presente a Revelação amorosa de seu amor. Infelizmente, porém, o que constatamos é que uma sacralização desumanizadora afastou de tal modo Deus da vida que cristãos de várias denominações convivem acriticamente com os recursos mais sofisticados da tecnologia indiferentes a crianças que morrem de fome; justificam pesquisas

¹ Bento XVI, *Exortação Apostólica Pós Sinodal Verbum Domini*, Doc. Pont. 194. São Paulo: Paulinas, 2010, §1.

científicas no campo da biotecnologia, da engenharia genética, mas não se importam com a falta de um simples analgésico para aliviar a dor de um aposentado camponês; consideram normal a transferência financeira de milhões de um país para o outro e não conseguem perceber que tal transferência se mantém ao lado dos horrores da guerra, dos atentados e de inúmeras mortes inocentes.

Impotentes, homens e mulheres de boa vontade se deparam com o universo de pessoas empobrecidas, indefesas, à margem do mercado, das tecnologias, da vida, das religiões... Pessoas que às margens da cidade vivem do seu lixo, sobrevivem atrás das grades, carregando nossos crimes e interpelando, com sua vida, uma religião que justifica a morte com sua linguagem sacrificial.

Não é possível que o Deus de Jesus Cristo revelado nos evangelhos como o Deus da vida e da misericórdia, esteja indiferente a essa contradição, não é possível que o deserto, as trevas, o abismo, continuem tendo a última palavra. Afinal, a partir de nossa fé, reconhecemos que não existe homem ou mulher que sofra sozinho ou que encontre no vazio uma resposta para a sua dor, desde que o Filho de Deus se fez Filho do Homem e solidariamente assumiu a encarnação até a Paixão e morte na cruz.

A missão dos seus discípulos e discípulas, reunidos em comunidades de fé, consiste em continuar sua ação solidária ouvindo no grito dos pobres um apelo que vem do próprio Deus e lançando-se em sua defesa e serviço.

Os bispos latino-americanos em Aparecida do Norte, no ano de 2007, elencam os diversos rostos sofredores que interpelam a humanidade e, nela, todos os cristãos em nossos dias.

Eles afirmam o chamado a uma *“globalização diferente que esteja marcada pela solidariedade”*². À luz deste chamado, queremos com os bispos contemplar os rostos do Servo que nos interpelam hoje.

² CELAM, *Documento de Aparecida (DA). Texto Conclusivo da Assembleia da Conferência Geral do Episcopado Latino Americano*, São Paulo: Paulus, CNBB, 2007, parágrafo 65 p. 39-40. O texto é retomado em cada item deste capítulo com um breve aprofundamento que procura nos conduzir à contemplação da vida como chão para ler a Bíblia.

1.1 Comunidades indígenas e afro-americanas

Contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles estão as comunidades indígenas e afro americanas...

Os Bispos falam que estas comunidades em muitas ocasiões não são tratadas com dignidade e igualdade de condições. No entanto, esta constatação ganha rosto concreto quando nos deparamos com situações escandalosas como o assassinato de caciques, a invasão das terras indígenas e o grito silenciado de crianças, jovens e adultos indígenas mortos como ocorreu nos últimos dias de novembro de 2011 em Mato Grosso do Sul com a morte do cacique kaiwoá, Nisio.

Os fatos testemunham o escândalo desta morte e a Palavra divina que nos convoca à conversão: no dia 16 de novembro de 2011, os povos indígenas Kaiwoá e Guarani, reunidos em acampamento, redigiram uma carta notificando a sociedade dos riscos de seus irmãos:

Realizamos este evento com nossos corações cheios de angústia, porque, ao mesmo tempo em que aqui estamos discutindo nossa situação, recebemos a notícia de que nossos irmãos Kaiwoá do acampamento de Guaiviry retornaram novamente, há alguns dias, ao seu tekohá e encontram-se neste momento, cercados por jagunços a serviço dos fazendeiros. Além da ameaça de ataques violentos, agora sofrem com a fome, em função do covarde cerco a que são submetidos. Trememos pela vida e integridade física de nossos parentes. Advertimos que qualquer agressão que acontecer será de responsabilidade das autoridades brasileiras³.

No dia 22 de novembro de 2011 morre o cacique kaiwoá Nisio, no acampamento Guaiviry. Sua morte violenta atesta o modo como nossa sociedade trata os primeiros donos desta terra e torna-se Palavra de Deus que chama à conversão, conforme atestam suas próprias palavras e a carta dos povos indígenas do Mato Grosso do Sul:

"Vocês não deixem esse lugar. Cuidem com coragem essa terra. Essa terra é nossa. Ninguém vai tirar vocês...Cuidem bem de minha neta e de todas as crianças. Essa terra deixo na tua mão (Valmir). Guaiviry já é terra Indígena". Nestes termos se expressou o nhanderu Nisio, baleado, agonizante. Foi isso que relataram aos membros do Conselho da Aty Guasu, que foi levar apoio ao grupo e se inteirar do bárbaro ataque. Conforme relato feito aos membros do Conselho, deram três tiros em Nisio – nas pernas, no peito e na cabeça. E que jogaram na carroceria da camionete, juntamente com o corpo de Nisio, mais três crianças que estavam chorando ao redor do corpo.[...] Matam e destroem a mata com a

³ Carta do povo Kaiowá e Guarani do MS: 1º. Encontro de Tekoharã (acampamentos indígenas) Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&langref=PT&cod=62506>. Acesso em 23 nov.2011.

mesma desenvoltura e certeza de impunidade há anos, décadas, séculos. A revolta da Mãe Terra e de seus filhos primeiros chegará. Como diz a canção em homenagem a Marçal Tupã "Chegará o dia em que o alto preço dessa covardia será cobrada pelos Guarani". Enquanto isso as lágrimas e o sangue continuam banhando esse chão em revolta, em gritos, em protesto. Os ouvidos do mundo não estão mudos. O clamor das vidas e da natureza sacrificada diariamente no altar do progresso, da acumulação do capital, do deus dinheiro, não permanecerão impunes!⁴

Tais fatos denunciam a brutalidade do mercado e da sociedade em que vivemos e nos desafiam a reconhecer, a partir de nossa fé, nos rostos feridos e sofridos dos povos indígenas o rosto do Servo de Deus nos chamando hoje à solidariedade.

1.2 As mulheres

...muitas mulheres são excluídas em razão de seu sexo, raça ou situação socioeconômica...

Diz o Documento de Aparecida que muitas são excluídas em razão do seu sexo, raça ou situação econômica. Tal afirmação encontra eco na realidade em que as mulheres, na condição de filhas, esposas, mães e irmãs, carregam sobre seu corpo as chagas de uma sociedade machista e patriarcal.

Sem desmerecer as conquistas alcançadas pelos movimentos feministas nos últimos anos, urge lembrar a multiplicação de situações em que o corpo feminino não passou de objeto de prazer e muitas vezes de violência na mão de homens dominadores e arrogantes que não reconhecem a reciprocidade e a riqueza escondida em suas companheiras.

Mulheres pobres, humilhadas e escravizadas em casa ou na rua, pela prostituição e redução de sua identidade ao seu corpo, são rostos vivos do Servo que, em nome de Deus continuam nos chamando à conversão.

Entre elas, a multidão que é comprada e vendida para fins de exploração sexual como atesta o artigo abaixo:

O tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual, trabalho forçado ou tráfico de órgãos é um problema que atinge centenas de países no mundo. Hoje, segundo a OIT, este crime movimenta cerca de 32 milhões de dólares ao ano à custa de 2,4 milhões de pessoas traficadas.

⁴ A vida matada e a mata.

Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&langref=PT&cod=62506>. Acesso em 23 nov. 2011.

Entre as principais vítimas estão as mulheres (cerca de 83% dos casos) e crianças e adolescentes (48% dos casos). O Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime (UNODC) afirma que este delito continua sendo a terceira atividade mais lucrativa do mundo, perdendo apenas para o tráfico de drogas e armas⁵.

Num corpo de mulher Deus fez morada como Boa Nova em Jesus de Nazaré. Nos corpos feridos das mulheres violentadas e excluídas do nosso tempo, Ele continua vivo e presente chamando-nos à ética do cuidado, da solidariedade, do respeito ao valor da vida.

1.3 Jovens feridos... violentados... mortos...

...jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não tem oportunidades de progredir em seus estudos nem no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família...

O Documento de Aparecida nos desafia a contemplar a geração da transição entre os séculos XX e XXI a partir dos que vivem à margem da sociedade.

Jovens violentados que se tornaram violentos morrem precocemente vítimas do tráfico de drogas, das noites sem sentido, da prostituição, e depois são transformados em notícias, como se fossem “monstros”, frente aos quais precisamos temer.

É assustador o fato denunciado pelo mapa da violência no Brasil em 2012: *Há uma elevada concentração dos casos de homicídios na população jovem do País. Entre 15 e 19 anos de idade, essa taxa é de 43,7% e entre os 20 a 24 anos a taxa é de 60,9%, enquanto de 25 a 29 anos é de 51,6%*⁶. Tal estatística interpela profundamente toda a sociedade, especialmente a nós cristãos. Nossos filhos estão se matando, não é possível permanecermos inertes!

Deus nos chama nestes rostos; grita no silêncio do corpo assassinado nos confrontos com a polícia e nos pergunta: Como é possível você continuar indiferente? Como permite que uma sociedade excludente e mercantil reduza a esta humilhação seus filhos e filhas?

⁵ PITTS, Natasha *Seminário abordará tráfico de pessoas no contexto dos grandes eventos*. Disponível em: http://www.adital.com.br/hotsite_trafico/noticia . Acesso em 13 jun. 2012.

⁶ ANDI, Artigo: *“Mapa da violência 2012 mostra que os jovens são principais vítimas de homicídios no país”*, 4 jan.2012. Disponível em:

“<http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/pauta/mapa-da-violencia-2012> Acesso em 14 jun.2012.

1.4 Pobres: sobreviventes à margem do mercado

....muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal...

O Documento fala dos pobres também no capítulo 391 citando a *Exortação Apostólica Ecclesia in América*: “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele deus que se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza”⁷.

Também VD afirma que “a miséria resultante de injustiças e provocada pelo egoísmo, produz indignação e fome e alimenta conflitos”⁸.

A partir desta palavra clara da Igreja, confirma-se a força incisiva da Palavra de Deus viva e atuante na vida dos pobres.

No rosto sofredor do desempregado e do sem terra, Ele nos interpela à ação solidária; nos que sobrevivem à margem do mercado, Ele denuncia as contradições de uma sociedade que se assenta na especulação, acumulação e consumo.

Nos rostos dos homens e mulheres profetas da ecologia que reciclam o lixo acumulado pela lógica descartável, Ele chama à sobriedade, à essencialidade, à solidariedade.

1.5 As crianças: a fraqueza que denuncia o abuso da força

...meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual; também crianças vítimas do aborto.

Uma sociedade que elimina suas sementes e “brotos” não merece viver! A multidão silenciosa de crianças eliminadas no ventre materno ou vítimas da fome e do abandono, numa sociedade de acumulação que ainda decide a lógica das relações, grita a Palavra de Deus.

Meninos e meninas silenciados antes do primeiro choro pela prática do aborto; crianças que sofrem violência, abandono e desrespeito por parte de seus pais que deveriam respeitá-las, adolescentes vítimas e abusos sexuais e exploração continuam em sua existência a ser lugar teológico da Palavra divina e trazem em seu ser as marcas do Servo. Na medida em que ouvimos a seus clamores e

⁷ D.A., 2007, p. 177.

⁸ V.D., 2010, p. 194.

procuramos responde-los, elas se tornam também para nós canais da graça e da salvação.

Mediante as vidas feridas dos inocentes a Palavra de Deus interpela, julga e cria e espera ser acolhida, amada e seguida. As crianças que sofrem são um reflexo da Palavra que teimosamente chama e dos frutos de um mundo que teimosamente fecha seus ouvidos.

1.6 Os feridos que tornam vivas as “chagas” do Cristo Servo

Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS, que sofrem a solidão e se veem excluídos da convivência familiar e social. (...)

Os membros feridos do corpo social hoje se tornaram como diz o D.A. não mais somente explorados, mas supérfluos e “descartáveis”⁹.

Estes são também membros do “Corpo de Cristo”, voz anônima e silenciosa como a do Servo de Iahweh, nos quais, como os profetas do AT, somos desafiados a reconhecer nossa impotência, nosso pecado, nossas misérias, mas também a ação libertadora e criadora da graça de Deus que recria a partir da crise, do sofrimento e da morte.

Vítimas do descaso na saúde pública e muitas vezes abandonados a si mesmos, assim como Jó frente a seus amigos e como o salmista que clama, os enfermos estendem a mão suplicando nossa solidariedade.

“*Por suas feridas fomos curados*”, diz Isaias 53,5. Sim, ainda hoje, são eles e elas que curam as feridas de uma sociedade consumista que explora os mais fracos, na medida em que são cuidados, vistos, amados. Enquanto não conseguirmos “reciclar estas vidas” resgatando-as mediante a inserção em nossas comunidades de fé e em nossa ação concreta, eles continuam somente vítimas indefesas de um sistema que quer eliminá-los. No entanto, tê-los diante de nossos olhos nesta reflexão é tornar vivo e atual o desafio da ressurreição do Servo que Isaias proclama em seus cânticos.

⁹ D.A. 2007, p. 39.

1.7 Nas prisões o Servo continua nos chamando à conversão

Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna. (...)

Os Bispos em Aparecida contemplam também os rostos sofridos dos presos que lotam nossos presídios e cadeias. Homens e mulheres com quem Cristo se identificou quando foi vítima da condenação injusta na cruz. Homens e mulheres que esperam por Cireneus e Verônicas que lhes ajudem a carregar o peso da cruz e enxuguem seus rostos banhados de sangue e suor nas superlotações das grandes cidades.

Quantos serão inocentes das culpas das quais são acusados? Quantos estarão pagando por um crime cometido por outros? Quantos tornam atual a paixão de Cristo? São muitos... E todos, no seu silêncio nos desafiam a reconhecer em seu clamor um apelo divino a nos deparar com nossa própria verdade de fragilidade e de pecado. Será a abertura a este clamor a condição para nos encontrar com a face do Deus que é misericórdia e força no amor!

Conclusão

Ao longo do primeiro capítulo procuramos desenvolver uma reflexão sobre a realidade. É a partir deste chão a partir que queremos ler o Exílio do Povo de Israel na Babilônia onde a figura do Servo de Iahweh é retrato do pobre que Deus ama, chama e envia a testemunhar seu amor e sua ação libertadora.

O objetivo é reconhecer no servo uma imagem dos homens e mulheres que assumem sua condição de miséria, sofrimento e dor. A partir desta leitura propomos uma releitura do sofrimento como lugar pascal de travessia para a vida, a esperança e a felicidade que não passa.

O desejo de encontrar esperança e sentido como Boa Nova para os que sofrem, é o ponto de partida para a leitura dos cânticos do Servo de Iahweh, que o discípulo do Profeta Isaías nos apresenta. Texto significativo na vida e história do

povo de Deus que iluminou as primeiras comunidades cristãs na compreensão do mistério da vida, paixão e morte de Jesus Cristo.

No próximo capítulo procuraremos reconhecer estes rostos no contexto e realidade do 2º Isaias (II Is), a Babilônia do Século VI a. C., e dentre os tantos rostos, o do Servo de Iahweh. Inúmeros estudos vêm sendo feitos sobre este personagem ao longo da história. Ele expressa em sua própria vida o modo no qual um sofredor se torna Palavra libertadora a partir do coração de Deus.

CAPÍTULO 2

A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO NO EXILIO

No coração da noite escura a luz que vem de Deus

Ser sobreviventes de duras provas, suportar firmes e calados a morte inocente de pessoas queridas torna-se testemunho vivo da teimosa esperança da “*raiz em terra árida*” (Is 53,2) e da parceria com o Deus Criador e Salvador que convoca homens e mulheres como servos e servas para continuar sua obra a partir da impotência e da fraqueza.

É um alento reconhecer essa experiência olhando para o espelho da Bíblia. Relatos de mulheres e homens que conheceram a dor de perto e a enfrentaram denunciando os mecanismos que a geraram são fonte de força e coragem.

Diante do sofrimento, na vida e na Bíblia, duas atitudes são possíveis: de vítima que transforma a vida em sacrifício e se compreende objeto de oferta e holocausto ou de sujeito que assume a vida como agente de transformação da história. Os que se encontram nesta segunda categoria, buscam alianças e parcerias e se lançam na reconstrução do próprio projeto de vida como lugar de julgamento da história lendo “pelo avesso” seus algozes, sua dor, seu Deus, seu presente, seu passado e seu futuro.

Aqui podem ser reconhecidos os Bem-Aventurados que, ontem e hoje, continuam teimosamente mergulhando, sem medo, nas próprias sombras e reconhecendo nelas frestas da luz que vem do mistério do amor de Deus.

Estes ousam ressignificar a própria história partindo da experiência de um amor que lhes precede e que permanece, mesmo quando tudo se desfaz. Por sua resistência, tornam-se memória do Deus revelado no Exílio, no grito dos pobres, no homem Jesus de Nazaré e nas periferias da ordem social, econômica, política e religiosa como Deus da vida e da esperança.

Resiliência é uma palavra moderna para designar essa atitude diante da vida¹⁰. Mesmo sendo um termo desconhecido no mundo bíblico, é possível ser reconhecida nos exilados, nos pobres camponeses roubados de suas terras, nas

¹⁰ HOCH, Lothar Carlos e ROCCA, M., “*Sofrimento, resiliência e fé*”, implicações para as relações de cuidado, São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007. Na página 10 do livro, a palavra Resiliência é definida como a “*capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis e de traumas às vezes graves.*”

mulheres que, mesmo violentadas, se erguiam numa resistência ativa e criativa frente aqueles que se impunham em nome da força, da lei, da religião, do império.

Diante da dificuldade de analisar em bloco esta atitude, buscaremos nos Cânticos do Servo que emergem ao longo da sofrida e fecunda experiência de Israel no Exílio da Babilônia, o perfil da atitude resiliente e criadora que nasce da fé no Deus que vence a morte.

Partimos da experiência existencial de Israel no período imediatamente anterior ao Exílio, acompanhando este povo no processo de reconstruir-se e, aprofundando a leitura do 2º Isaias, contemplamos a figura do Servo de YHWH.

2.1 O Exílio na Babilônia: uma crise fecunda

É consenso entre os estudiosos do mundo bíblico, reconhecer que o Exílio foi um dos mais fecundos momentos da História de Israel. Trata-se de um tempo no qual o Reino de Judá, sobrevivente a todas as dominações estrangeiras, desterrado, aprende a conhecer seu Deus como nunca antes. Mediante a ação de Ezequiel, dos discípulos de Isaias e de outros tantos profetas anônimos os judaitas exilados foram sustentados por uma nova e inabalável esperança¹¹.

Deus proclama uma palavra libertadora na vida do homem que sofre. Tal palavra é dita por meio de seu próprio sofrimento a si mesmo e, por meio dele à humanidade, como apelo à conversão e à esperança.

A realidade de Judá antes do Exílio é marcada por um desejo de reconstrução desde que Josias começa a reinar. Ele reina em Jerusalém de 640 a 609 a.C numa época triste, na qual imperam os Assírios na Mesopotâmia com sede de conquista e crueldade.

Sob o domínio assírio, em 722, o Reino de Israel, no Norte, é destruído e muitos se refugiam no Reino de Judá.

Josias quer despertar no povo um retorno à fidelidade à Aliança. Guiado pelo Livro da Lei descoberto no Templo de Jerusalém em 622 a.C, ele promove em todo o Reino de Judá uma profunda reforma que impregna de religião todas as

¹¹ Cfr. WILFRID e HARRINGTON, J. OP, *Chave para a Bíblia*, São Paulo: Paulus, p. 137.

realidades da vida: a terra é vista como dom de Deus e a cada ano devem ser levadas ao Santuário as primícias da colheita; Jerusalém, tendo em seu centro o Templo, é o lugar da oferta dos sacrifícios e do encontro com Deus; o Rei é considerado pessoa sagrada, descendente de Davi. A Lei, escrita ou transmitida oralmente pelos sacerdotes, é a regra de vida de todas as relações cotidianas civis e religiosas.

Tal realidade, permeada pela relação com Deus, era um convite permanente a viver no contexto da Aliança.

No entanto, novidades acontecem na Mesopotâmia e afetam profundamente o Reino de Judá: os Babilônios se revoltam contra os Assírios e tomam o poder. Em conflito morre o jovem rei Josias em 609. Tal fato desencadeia uma profunda crise moral, religiosa e política levando a nação a perder a coragem, a unidade e a fé.

Desde então o país se torna presa fácil dos inimigos, visto ter sido governado por reis jovens e sem escrúpulos. O segundo Livro dos Reis nos últimos três capítulos relatam o sofrido período que antecede a destruição de Jerusalém e o exílio dos líderes e posteriormente dos moradores da cidade. Além dele, o livro das Lamentações expressa o significado desta dolorosa experiência para todo o Israel.

A leitura feita pelo autor do Segundo Livro dos Reis sobre os acontecimentos é dura:

Isso aconteceu a Judá unicamente por ordem de Iahweh, que queria rejeitá-lo de sua presença, por causa dos pecados de Manassés, por tudo o que ele fizera, e também por causa do sangue inocente que ele havia derramado, inundando Jerusalém de sangue inocente. Iahweh não quis perdoar (2 Rs 24,3).

Em 597 a. C. acontece a primeira deportação, após a rebelião de Joaquin (Jeconias). Este é deportado com sua família e com toda a classe dominante:

Então Joaquin, rei de Judá, foi ter com o rei da Babilônia, ele e sua mãe, seus oficiais, seus dignitários e seus eunucos, e o rei de Babilônia os fez prisioneiros; isso foi no oitavo ano de seu reinado. Nabucodonosor levou todos os tesouros do Templo de Iahweh e os tesouros do palácio real, e quebrou todos os objetos de ouro que Salomão, rei de Israel, havia fabricado para o Templo de Iahweh, como Iahweh o havia anunciado. Levou para o cativeiro Jerusalém inteira, todos os dignitários e todos os notáveis, ou seja, dez mil exilados, e todos os ferreiros e artífices; só deixou a população pobre da terra (2Rs 24,12-14).

Depois de dez anos há a segunda invasão de Jerusalém na qual o Templo e o palácio do rei são incendiados:

Incendiou o Templo de lahweh, o palácio real e todas as casas de Jerusalém. E todo o exército caldeu que acompanhava o comandante da guarda destruiu as muralhas que rodeavam Jerusalém. Nabuzardã, comandante da guarda, exilou o resto da população que tinha ficado na cidade, os desertores que haviam passado para o lado do rei de Babilônia e o resto da multidão. Do povo pobre da terra, o comandante da guarda deixou uma parte, como viticultores e agricultores. (2 Rs 25,9-12).

Nabucodonosor impera gloriosamente deixando uma marca pessoal no seu império no período de 605 a 562 a.C. Os vinte primeiros anos deste reinado, justamente os anos da destruição de Jerusalém, correspondem ao período mais sofrido e sombrio do reino de Judá.

Com o fim da independência, a crise domina o coração do povo exilado: perdem a terra, veem o Templo destruído; já não têm um rei e as leis e costumes da Babilônia já não são as Leis do Senhor.

A primeira e mais básica resposta à terrível queda de Jerusalém foi a lamentação, uma expressão ritual de morte nacional. O livro bíblico Lamentações impõe ao seu público o que foi lembrado como o maior trauma da história de Israel: a destruição de Jerusalém em 586 a.C.¹².

Ele descreve esta realidade em forma poética, expressando os sentimentos dos habitantes de Jerusalém e dos que, em meio ao clima da violência da morte são deportados para a Babilônia.

Aqueles que permanecem em Jerusalém são os pobres mais pobres, já não têm independência e a este povo, que até alguns anos antes vivia na presença do Senhor, só restam sofrimentos, crise, abatimento, morte:

Judá foi exilada, submetida à opressão, à dura servidão; hoje habita entre as nações, sem encontrar repouso; os que a perseguiam alcançaram-na em lugares sem saída. Os caminhos de Sião estão de luto, ninguém vem às suas festas; todas as suas portas desertas, gemem seus sacerdotes; suas virgens estão tristes, ela mesma cheia de amargura. Venceram-na seus opressores, seus inimigos estão felizes, porque lahweh a castigou por seus numerosos crimes; suas criancinhas partiram cativas diante do opressor. A filha de Sião perdeu toda a sua formosura; seus príncipes, estavam como cervos que não acham pasto; caminhavam desfalecidos diante de quem os caçava. (Lm 1,3-6).

A leitura da realidade é permeada por angústia e arrependimento, mas se abre à confiança na ação de Deus, apesar de tudo. Trata-se de uma leitura que

¹² SMITH, Mark, S. *O Memorial de Deus, História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*, São Paulo: Paulus, 2006. p .99.

beira o desespero, mas na memória da ação divina reage com um fio de esperança e em forma de prece assim se expressa o poeta que lamenta:

Excluíste a paz de minha vida, esqueci a felicidade! (Lm 3,17). Examinemos nossos caminhos, exploremo-los e voltemos a lahweh. Elevemos nosso coração e nossas mãos para o Deus que está nos céus. Nós pecamos, fomos rebeldes e tu não nos perdoaste (Lm 3,40-42). Fazes de nós imundície, refugio no meio dos povos (Lm 3,45). Lembra-te, lahweh, do que nos sucedeu, vê e considera o nosso opróbrio! Faze-nos voltar a ti lahweh, e voltaremos. Renova nossos dias como outrora. Ou será que nos rejeitaste totalmente, irritado, sem medida, contra nós? (Lm 5,1.21.22).

Pode-se constatar nas entrelinhas destes textos, que foi justamente em meio à dor do período do exílio, que os expatriados e os remanescentes na terra precisaram reativar sua esperança e cultivar uma mística de resistência que lhes permitisse reconstruir sua própria história.

“As marcas foram tão profundas que este período pode ser considerado um divisor de águas na História de Israel. Fala-se em “antes do exílio” ou em “depois do exílio”. Foram muitas mudanças na história, na religião e na teologia. Foi uma reviravolta completa”¹³.

Em meio ao sofrimento e à crise, os sobreviventes releem sua história passada, assumem sua infidelidade à Aliança com lahweh e reconhecem que se desviaram do projeto de Deus em sua vida. Tal releitura e arrependimento abre espaço para uma “nova criação”. Este tema será aprofundado pelos dois profetas que se destacaram como guias na compreensão da situação presente e reconstrução da esperança futura: Ezequiel e um profeta (ou grupo de profetas) anônimo que é conhecido como 2º Isaias.

As memórias da pregação dos profetas, as reflexões coletivas sobre os acontecimentos e os sinais externos concretos, que começam a caracterizar os exilados, fazem surgir nesta época instituições fundamentais. Por serem os exilados, remanescentes da Tribo de Judá, é só a partir deste período que se pode falar de Judaísmo no sentido estrito.

No exílio se revela a fecundidade da crise: *“A fé desperta sob o choque da provação, a Escritura se completa, as estruturas comunitárias se reforçam e renasce a esperança para o futuro”*¹⁴.

¹³ GASS, Ildo Bonn, “*Exílio babilônico e dominação Persa*”, col. Uma Introdução à Bíblia, 3ª ed. São Paulo: Paulus/CEBI, 2004. p. 14.

¹⁴ WIÉNER, C. *O Deutero-Isaias, o Profeta do Novo Êxodo*, Col. Cadernos Bíblicos, vol. 7, 2ª ed., p. 15.

Tal experiência é reforçada por um evento internacional: por ocasião da morte de Nabucodonosor em 562 a.C., Avil-Marduk assume o trono, mas reina apenas dois anos (562-560 a.C.), sendo substituído por seu cunhado, Neriglissar (560-556 a.C.). O filho deste rei é assassinado ainda criança. Nabonides assume o poder após uma conjuração, sendo o último rei da Babilônia. Um novo tempo, de mais esperança se abre para Judá: Ciro, um persa, que começa sua carreira como chefe de tribo nos planaltos do Irã por volta de 555, conquista pouco a pouco toda a Ásia Menor e vai ocupando todas as regiões do Oriente Médio, até invadir a Babilônia, não por meio da violência, mas tornando os reis vencidos, seus colaboradores.

Sob o domínio de Ciro a Pérsia é libertada da dominação dos medos ao norte. Anos mais tarde, Ciro marcha contra a Babilônia e em 539 a.C. entra triunfalmente na capital do império. É aclamado pela própria população babilônia, põe fim a quase um século de domínio da Babilônia no Oriente Médio e devolve aos povos conquistados os ídolos que Nabucodonosor havia levado para a capital da Babilônia.¹⁵

Entre os exilados já nascia a segunda geração. No ano 539 a.C., Ciro entra triunfante em Babilônia. Por um decreto restaura o direito violado dos povos vencidos e restabelece os cultos locais. O 2º Isaias saúda este novo rei como enviado por Iahweh e como precursor de um tempo novo, como veremos a seguir.

2.2 O 2º Isaias e a profecia da esperança consoladora

Mesmo sendo apresentado como um único volume, hoje já é consenso na pesquisa exegética que o livro do Profeta Isaias é um conjunto de três obras assim distribuídas: Isaias 1-39, que relata a vida e profecia do grande profeta Isaias que viveu por volta dos anos 740 a 700 a.C. Mesmo com alguns capítulos de época posterior nesta parte de Isaias, no seu conjunto esta primeira parte da obra é chamada “Proto Isaias”; Isaias 40-55, capítulos que, a partir da análise literária e histórica foram escritos no exílio por um discípulo ou discípulos que atuaram como

¹⁵ Cfr. GASS, p. 37.

“consoladores” do povo e “profetas/profetizas da esperança” e Isaías 56-65 que já é um texto com características do pós exílio.

O 2º Isaías que aqui desejamos aprofundar, provavelmente foi escrito por um longínquo discípulo, ou discípulos de Isaías que interpretam a situação vivida no exílio à luz da tradição profética do antigo mestre. Este livro é também chamado “Livro da Consolação de Israel”. Emerge em suas páginas uma figura significativa que refletiremos de forma mais profunda a seguir: o Servo de Iahweh.

É um livro com uma mensagem original numa linguagem nova que toma corpo em formas literárias variadas que, servindo-se da diversidade de recursos da arte poética, dispõe harmoniosamente os temas que se entrelaçam.

Destacam-se as formas literárias hínicas; os oráculos de salvação; as disputas e processos. O livro contém as profundas convicções que habitavam o coração deste(s) profeta(s). Ele(s) ou ela(s) se apoia(m) no passado como chave de leitura do presente e luz para a esperança futura.

Diante de um povo que já estava abatido pela dúvida sobre a intervenção divina e sentia desfalecer a sua fé, os anúncios proféticos são instrumentos para a superação do ceticismo e para uma ação positiva que permitia olhar para o futuro com esperança.

O 2º Isaías atua exaltando o poder de Iahweh, agora não somente experimentado como Libertador, mas também como Criador e Senhor da história. Ele o faz, mediante declarações que afirmam a solene soberania exclusiva de Iahweh.

Além disso, o profeta usa constantemente os discursos jurídicos também chamados processos, com o objetivo de confrontar duas visões mediante três ações: a intimação, o debate e a decisão judicial. Deste modo, o profeta testemunha o direito de Iahweh e revela o nada e o vazio da pretensão dos povos estrangeiros com seus ídolos:

Ilhas, calai-vos, para escutar, renovem os povos as forças, aproximem-se e então falem, juntos apresentemo-nos para o julgamento. Quem suscitou do Oriente aquele que a justiça chama para segui-la, a quem entrega as nações e sujeita os reis? Sua espada os reduz a pó, seu arco os torna como a palha levada pelo vento. Ele os persegue e avança tranquilamente por uma vereda que os seus pés mal tocam. Quem o fez e cumpriu? Aquele que desde o princípio chamou à existência as gerações. Eu, Iahweh, sou o primeiro, e com os últimos ainda estarei. As ilhas viram e sentiram medo, os confins da terra tremeram, eles se aproximam, eles vêm chegando. Cada um ajuda o seu companheiro, e diz ao seu irmão: “Coragem!” O artífice dá coragem ao ourives; aquele que alisa com o martelo, ao que bate na bigorna, dizendo a respeito da solda: “Ela está boa”; ele firma-a com pregos para eu não se abale. E tu, Israel, meu servo, Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão, meu amigo, tu, a quem tomei desde os confins da terra, a quem chamei

desde os seus recantos longínquos e te disse: “Tu és o meu servo, eu te escolhi, não te rejeitei”. Não temas, porque estou contigo, não te apavores, pois eu sou o teu Deus; eu te fortaleci, sim, eu te ajudei. Eu te sustentei com a minha destra justiceira. Serão envergonhados e humilhados todos os que se inflamam contra ti. Serão reduzidos a nada e perecerão, aqueles que querelavam contigo. Tu os procurarás, e não os encontrarás, os que te combatiam; serão reduzidos a nada, serão aniquilados aqueles que te faziam guerra. Com efeito, eu, lahweh, teu Deus, te tomei pela mão direita e te direi: “Não temas, sou eu que te ajudo”. (Is 41,1-13).

O 2º Isaias se aproxima muito da tradição dos salmos quando profere seus oráculos em formas de hinos. São hinos de louvor que dão sentido a todo o conjunto do texto.

A abundância das palavras de salvação, presentes em toda parte, indicam a orientação fundamental da mensagem. Acentuando o contraste entre a soberania de lahweh e a desproporção das forças que querem entravar sua ação, os gêneros judiciais e polêmicos desfazem as objeções que impediriam a aceitação da salvação anunciada. Os hinos celebram em clima de louvor e alegria os benefícios inauditos do Deus salvador, sempre pronto a intervir em favor do seu povo¹⁶.

O texto do 2º Isaias é um texto ativo e criativo entre seus elementos complexos. A ação criadora de Deus é expressa de forma mais intensa pelo verbo, (bārā’)¹⁷ usado 13 vezes no sentido da ação criadora divina. Ligados a este verbo, outras duas expressões se destacam: בָּחַרְתִּי (bāḥar) (eleger) e נָגַדְתִּי (nāgad) – “anunciar, revelar”. O profeta se serve em seu vocabulário das imagens da natureza, o que revela um autor contemplativo que associa de forma inovadora o mistério da salvação ao mistério da criação. Para o 2º Isaias o ato salvador de lahweh é uma nova criação que permite ao povo olhar sua experiência presente com esperança e entusiasmo.

O 2º Isaias pode ser lido em três partes: a abertura que indica o programa do livro (Is 40,1-11); a proclamação de Ciro, instrumento de Deus que torna possível um novo Êxodo (Is 40,12—48,22) e a alegria de uma Jerusalém restaurada (Is. 49-55). Sua mensagem se concentra em três elementos significativos que perpassam todos os capítulos: a unicidade de Deus, seu ser incomparável frente a toda criatura e a originalidade de seu ser e agir.

Estamos diante de um livro muito rico. O coração de sua mensagem é a ação libertadora, criadora e salvadora de lahweh.

¹⁶ AMSLER, S.; ASURMENDI, J; AUNEAU, J; MARTIN-ACHARD, R. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 311-312.

¹⁷ Is 40,26. 28; 41,20; 42,4; 43,1.7.15; 45,7.8.12.18; 48,7; 54,16

Num contexto de desânimo e abatimento em que os exilados se encontram, a mensagem de encorajamento e consolação socorre o sentimento de vulnerabilidade dos exilados levando consolo e esperança.

Ao recordar a ação libertadora de lahweh no Egito, sua Aliança no deserto e a eleição de Davi, o Profeta “*apresenta a viagem de volta para Judá a Jerusalém como um Novo Êxodo, um novo ato libertador de YHWH, tirando seu povo do cativeiro*”¹⁸.

Ele apresenta ao povo o rosto de Deus único, justo e salvador, redentor e criador, incomparável na fecundidade de sua ação diante da esterilidade dos ídolos. Ao fazer isso o profeta desperta uma energia adormecida e uma esperança nova no coração dos exilados.

Seu instrumento para acordar esta força é o anúncio da Palavra divina que é eficaz e se expressa no verbo *bara'*. Só a Palavra de lahweh permanece. O avanço de Ciro testemunha a força desta palavra e revela a distância entre os pensamentos de Deus e os pensamentos humanos.

A Palavra se revela na memória do Êxodo, numa releitura das tradições e na contemplação das “coisas novas” que lahweh já está realizando.

A partir destes elementos constitutivos da mensagem, se pode concluir que o rosto de Deus Criador emerge da memória do Deus Libertador no exílio, mas a transcende:

“lahweh faz coisa nova, que já está germinando” (Is 43,19). Ela se combina, sem se confundir, com outras antíteses temporais como passado/agora e principalmente primeiro/último... Mais do que continuação de passado recente, a novidade se situa numa ordem qualitativamente melhor, sem constituir, contudo, ruptura radical com o que precedeu. No Deutero-Isaias ela ainda está no plano da história; a metáfora da germinação, da preferência do profeta, supõe um desenrolar no tempo¹⁹.

Outro elemento forte na mensagem do 2º Isaias é a dimensão feminina presente em Deus, caracterizada pela ternura e afeição comparável ao de uma mulher por seus filhos (49,15). O profeta anuncia que lahweh já começou a reatar a relação com o povo, uma relação esponsal, uma relação fecunda que dá numerosos filhos à Jerusalém, comparada à mulher estéril, uma relação que dá origem a um povo novo, marcado pela aliança eterna de paz. Uma aliança tão inabalável como a

¹⁸ CERESKO, Anthony R., Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora, São Paulo: Paulus, 1996, p. 248.

¹⁹ AMSLER S., p. 331.

ordem da criação, eterna, marcada pela lealdade e fidelidade, que agora já não é mais feita somente com Davi, mas com todo o povo.

Para Alonso Schökel, o 2º Isaias é um grande poema que indica o retorno do Exílio como um segundo êxodo que remete ao primeiro, atualiza-o e o eleva a um novo nível histórico tornando-o mais glorioso. Trata-se de uma linguagem poética que relata o êxodo como um grande canto de louvor a lahweh e que transcende a experiência histórica anunciando fatos não de forma pontual e circunstanciada, mas com imagens e símbolos gloriosos tornando infinito seu horizonte. A partir deste segundo êxodo o primeiro encontra seu sentido mais profundo e torna-se uma memória que aponta para o futuro preanunciando o “terceiro êxodo” que será reconhecido na paixão de Cristo como veremos no próximo capítulo²⁰.

A restauração de Israel, o final do Exílio e o retorno à Jerusalém são três eixos do tema essencial do 2º Isaias que traz conceitos teológicos próprios com repercussão clara para o futuro: o conceito do monoteísmo, do segundo Êxodo e do Servo, que aprofundamos a seguir.

2.3 O Servo de lahweh

A palavra hebraica Ebed (=Servo) ocorre setecentas e noventa e nove vezes no Antigo Testamento com sentidos diferentes. Trata-se de um termo presente em todas as línguas semíticas ocidentais e designa tanto “servo, escravo” no âmbito das relações humanas, como “servo, adorador” de um Deus. Trata-se de um conceito relacional segundo o qual há sempre o conceito oposto de “Senhor”. Pode ser interpretado como o servo – escravo em casos de política externa ou como o Servo do Rei no caso da política interna de Israel. Neste último caso o Servo é uma pessoa importante, livre que exerce cargo de confiança junto ao rei. Sua autonomia é tão ampla que frequentemente adquiriu uma função de primeira ordem na história da monarquia.

A expressão “Ebed lahweh” designa um indivíduo especial como servo (ou servos) de lahweh. Seus traços característicos são a atitude orante e uma ação referida a Deus. Tal ação é um serviço quase sempre no contexto da relação de

²⁰ SCHÖKEL, A., *Profetas, Introdução e comentário*, Ediciones Cristianidad, Madrid, 1979, p.: 258.

Deus com seu povo. Entre os homens que se destacam no Antigo Testamento como servos de Deus, encontramos os Patriarcas, Moisés, os reis e os profetas. De todos eles Moisés é o que recebe este título com maior frequência, num total de 40 vezes.

A partir do exílio os profetas são designados servos de Deus, sobretudo na Obra Histórica Deuteronomista caracterizando a fidelidade dos profetas no período imediatamente pré-exílico e durante o próprio exílio.

No 2º Isaias, o termo 'Ebed lahweh - "Servo de lahweh" é um que se destaca, ganhando uma característica própria e retornando 21 vezes, sendo que em 14 citações o Servo tem um nome: é **Israel ou Jacó**, o que pode indicar uma figura coletiva: o povo de Deus.

A pergunta sobre esta figura, que emerge no 2º Isaias e que articula de forma tão original um destino trágico e ao mesmo glorioso, é antiga e já no livro dos Atos dos Apóstolos, o eunuco da rainha Candace se perguntava: "*De quem é que diz isso o profeta? De si mesmo ou de outro?*"(At 8,34).

Para compreender a resposta a esta pergunta, vale a pena ressaltar que segundo C. Lindhagen²¹ o termo Servo era um termo de uso frequente no Oriente (Cartas de El-Amarna, Textos de Rash-Shamra, ôstracos de Laquis, papiros de Elefantina, etc.) e tem como significado fundamental o de "servir", isto é, agir com submissão e por obediência.

É um termo que caracteriza relações entre súdito e superior que podem variar entre a escravidão até a submissão afetiva orientada pela motivação religiosa.

Trata-se de um conceito caracterizado de um lado pela subordinação e obediência e de outro pela dignidade que provém da eleição divina.

Tal caracterização é ainda mais clara no 2º Isaias onde o Servo emerge como uma figura característica e única em todo o Antigo Testamento.

O caminho percorrido pelo Servo que o 2º Isaias testemunha, foi assumido radicalmente por Jesus de Nazaré e pelas comunidades primitivas. Podemos reconhecê-lo ainda em nossos dias na vida da multidão de homens e mulheres que vivem a experiência do sofrimento aparentemente sem sentido e razão de ser.

Para compreender este caminho, o presente trabalho parte de uma síntese das diversas teorias sobre a identidade do Servo, propõe um caminho de vida lido

²¹ LINDHAGEN, C. The Servant Motif in the Old Testament, Upsala, 1950, em *Revista de Cultura Bíblica* – RCB, São Paulo, volume IX, vol 3-4, p 154.

nas entrelinhas dos três primeiros cânticos e vai ao centro da questão do sofrimento a partir da exegese do quarto cântico.

“A missão do povo-servo de Javé é a prática da justiça. E o sentido da justiça para a comunidade do Segundo Isaias é concreto e envolve a organização geral do povo, a fim de que todas as pessoas possam viver em condições de igualdade de direitos e deveres, sem privilégios e discriminações”²².

Há muitas controvérsias quanto à identidade do Servo no 2º Isaias. Para Alonso Shoekel²³, o 2º Isaias não fala de um servo, mas de vários: Israel como totalidade (especialmente em 40-48), um grupo seletivo de israelitas (49,1-6.7-13; 52,13-53,12), o profeta (50,4-11), Ciro (42,1-9), o que o leva a afirmar que parece totalmente injustificado falar do Servo sem considerar todo o contexto do 2º Isaias.

Antes de chegar a esta conclusão, porém, ele elenca as diversas teorias sobre a identidade do servo: coletiva, individual, mista e messiânica.

A identificação do Servo com o povo Israel é característica do 2º Isaias, mas encontra uma dificuldade quando se constata em alguns textos que o Servo se opõe ao povo (49,5-6; 53,8). No entanto a expressão que identifica o Servo à coletividade é muitas vezes aplicada pelo 2º Isaias seja identificando o Servo com todo o povo, seja a uma parte escolhida da nação (Is 41,8; 42,19; 44,1s; 45,4).

Diante desta interpretação alguns autores o associam ao Israel histórico, outros ao Resto de Israel purificado pelo exílio, e outros ainda aos justos, profetas ou Doutores da Lei.

Tal identificação se depara com uma crítica forte, sobretudo quando se constata que o Servo é um inocente e o povo de Israel tem uma história de desobediência e pecado.

Os traços tão pessoais presentes no Servo em diversas ocasiões levam muitos críticos a considerá-lo uma figura histórica significativa na vida de Israel. Há inúmeras hipóteses para esta identificação, desde os Patriarcas até um contemporâneo do profeta ou o próprio autor do 2º Isaias.

No caso desta última hipótese ser aceita, o quarto cântico teria sido escrito por um discípulo do 2º Isaias testemunhando sua fidelidade total a lahweh.

²² NAKANOSE, S., PEDRO, Enilda de Paula, *Como ler o Segundo Isaias, Da semente esmagada brota nova vida*, São Paulo: Paulus, 2004, p. 46.

²³ SCHÖKEL, A. p.265. Após elencar vários autores, ele se posiciona em concordância com Bonnard, *Le Second Isaie. Son disciple et leurs editeurs*. Paris 1972.

Schökel indica também a possibilidade de uma interpretação mista. Esta é possível se considerarmos a mentalidade semítica muito flexível e aberta a vários aspectos que se sucedem sem se excluir, implicando-se e envolvendo-se reciprocamente.

Citando alguns autores que se orientam nesta direção²⁴, ele afirma que dão uma explicação muito artificiosa, mas que pode ser aberta para a visão de Bonnard interessante, segundo seu ponto de vista. Definitivamente, os capítulos 40-55 de Isaias não falam de um servo, mas de vários: Israel como totalidade (especialmente em 40-48); um grupo seletivo de israelitas (49,1-6.7-13; 52,13-53,12); o profeta (50,4-11); Ciro (42,1-9) e até o próprio Deus que se obriga na relação com o povo a exercer uma missão de servo (43,23-24)²⁵.

Olhando em perspectiva de futuro, a identificação é com o Messias. Aqui se encontra o fundamento da leitura da vida de Jesus como realização da profecia relacionada ao Servo de Iahweh. A postura dos exegetas que defendem esta hipótese se fundamenta na releitura neotestamentária dos Cânticos²⁶

A fé cristã reconhece em Jesus o Servo de Iahweh e na comunidade de seus discípulos a missão messiânica de continuar sua ação na história. Tal aspecto será aprofundado mais detalhadamente no próximo capítulo.

Diante destas diversas teorias, vale a pena citar Henry Wheeler Robinson²⁷ que criou uma expressão consagrada para caracterizar a mentalidade semítica que articula a identificação coletiva e pessoal. Trata-se da expressão: *Corporate personality*, que pode ser traduzida por *Personalidade incorporada*, ou melhor, ainda *personalidade incorporante*.

Esta expressão se fundamenta, segundo o autor por quatro princípios: o horizonte da personalidade incorporante transcende o momento presente para se estender igualmente ao passado e ao futuro; é uma concepção realista que transcende a personificação puramente literária ou idealizante; é uma noção extremamente fluida no sentido que o espírito humano passa rapidamente do

²⁴ PIDOUX, Engnell e Snaith segundo A. Shökel, poderiam ser considerados como os principais representantes desta opinião. Cfr. Shoekel, op.cit. p. 265ss.

²⁵ Cf. BONNARD, P.-E., *Le Second Isaie. Son disciple et leurs éditeurs* (Paris 1972) 37-46.

²⁶ Por exemplo, De Leeuw, Cazelles, Feuillet, Fischer, Van der Ploeg, etc., citados em A. Shoekel, Shökel, A. Profetas, Introducciones y comentario, Madrid: Ediciones Cristianidad, 1979, p.266

²⁷ "The Hebrew Conception of Corporate Personality", em *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 66 (1936) 49-61. Cf. J. DE FRAINE, *Adam et son lignage*, Louvain 1959, pp. 157-171. Citado por CHARBEL, A., SDB, em: *Os cânticos do Servo de Javé*, Revista de Cultura Bíblica, op.cit. p.159.

aspecto individual ao coletivo e do coletivo ao individual e finalmente por esta ideia, há uma exaltação do indivíduo e uma oscilação nas relações entre ele e a comunidade.

Os “Cânticos do Servo” são uma chave de leitura da ação divina na história para compreendermos a atitude da solidariedade na dor como revelação de uma Palavra libertadora de Deus.

Um aspecto muito discutido na exegese é o número destes cânticos, seja porque ao longo de todo o livro o Servo está presente, seja porque o processo de elaboração do texto escrito certamente passou por uma longa tradição oral na qual as formas foram sendo adaptadas às funções a que eram destinadas. O fato de que somente num segundo momento os textos foram escritos e sistematizados no trabalho redacional faz com que eles apareçam em lugares diversos ao longo do texto.

Bernard Duhm já em 1892 defendia a hipótese que em Is 40-55 há quatro cânticos do Servo de YHWH (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13—53,12), que originariamente nada tem a ver com seu contexto atual nem foram escritos pelo 2º Isaias²⁸. Tal hipótese estava inserida no contexto da ideia que os livros bíblicos se formaram a partir de documentos distintos.

A hipótese de Duhm suscitou polêmicas entre os exegetas que ainda hoje não chegaram a um acordo²⁹. A maioria aceita atualmente a hipótese de quatro cânticos, mas outros encontram cinco ou até sete³⁰. E não faltam os que pretendem acabar de uma vez por todas com a teoria de Duhm, negando-se a falar em cânticos. Quanto à delimitação, predomina também a opinião de Duhm, mas muitos autores pensam que os três primeiros cânticos continuam nos versos seguintes e algum comentarista afirma que devemos reduzir as dimensões do quarto. No presente trabalho adotamos a hipótese de Duhm propondo-nos uma análise exegética mais detalhada do quarto cântico.

²⁸ DUHM, Bernard, *Jesaja* (Historischer Kommentar zum Alten Testament, v. III,1), Goettingen, 1892

²⁹ Sobre as investigações realizadas até o ano 1948 veja C. R. North, *The Suffering Servant in Deutero-Isaiah. An Historical and Critical Study*. Na 2ª edição de 1955 (reimpressa em 1969) acrescenta um capítulo sobre a discussão na escola escandinava. A bibliografia dos anos 1948-58 se encontra no artigo de H. Haag, *Ebed-Jahwe-Forschung* 1948-58: BZ 3 (1959) 174-204. Nota tirada do livro de Alonso Schökel, *Os profetas II*, (tradução nossa).

³⁰ WEISER, por exemplo, fala de cinco (os quatro de Duhm mais 42,5-9); Gressmann de sete (42,1-4; 42,5-9; 49,1-6; 49,7; 49,8-13; 50,4-10; 53,1-12). Foi proposto aos textos de Duhm acrescentar como Cantos do Servo: 51,1-3; 51,4-6; 51,9-16; 61,1-4; 62,1-12; 63,7-14; 66,1-11.

Quanto à autoria permanecem ainda algumas dúvidas. Há quem defenda ser o próprio 2º Isaias ou quem afirme que possa ter sido um discípulo seu o autor dos cânticos, pois para alguns autores os cânticos parecem constituir um corpo à parte na pregação do profeta. Mesmo que o estilo e a linguagem dos cânticos tenham relações inegáveis com o 2º Isaias e falem da mesma problemática da novidade da salvação, há alguns traços que se afastam dele.

Os cânticos, por exemplo, polemizam com as figuras dos servos, Ciro e Israel, como falamos acima, com sua obra e sua salvação. Além disso, podemos constatar que enquanto Israel é um testemunho passivo de Deus, o Servo dos cânticos é um missionário ativo e enquanto Ciro traz a salvação política, o Servo traz a salvação espiritual em virtude de sua oferta vicária.

O autor dos cânticos poderia ser, portanto, um dos discípulos do 2º Isaias que foram desiludidos pelas esperanças de restauração colocadas em Ciro e que sonhavam uma nova salvação através do sacrifício vicário, da obra missionária do profeta e da ressurreição apocalíptica.

A unidade temática entre os cânticos não implica uma uniformidade quanto ao gênero literário. São diversas as formas nas quais os cânticos se apresentam: oráculo, autobiografia, lamentação individual, canto fúnebre... Diante delas, o autor se coloca de modo totalmente original desenvolvendo-as até dar-lhes uma dignidade formal com seus conteúdos e um amplo uso de metáforas, o que impõe limites a uma completa compreensão exegética, porque as formas são tiradas do "Sitz in Leben" original e emergem de conteúdos específicos dos quais se tornam expressão.

Dos três primeiros cânticos, destacamos somente alguns elementos relevantes que nos permitam associá-los ao nosso tema de pesquisa.

Em Isaias 42,1-4 vemos um oráculo de entronização real no qual o próprio Deus apresenta o Servo às nações e lhe confere uma dignidade especial.

Os títulos, "Servo" e "Eleito", são honoríficos e colocam em destaque o conceito de amor e de eleição da parte de Iahweh para uma missão especial. É o próprio Deus que o sustenta, dá força e lhe ajuda agradando-se dele porque ele corresponde às suas expectativas divinas.

A missão do Servo é fruto de eleição divina e se realiza pelo dom do Espírito que lhe acompanhará em sua ação de implantar o direito e a lei de Deus, ou seja, difundir a revelação da sua vontade que é justiça e ordem entre os homens. Seu

estilo não será o da força ou das armas, mas da mansidão e da fraqueza, acompanhada da firmeza e da tenacidade fiel. Ele *“não quebrará a cana rachada nem apagará a mecha bruxuleante” (Is 42,3)*, expressões que caracterizam a prática da justiça no estilo divino e ao mesmo tempo a prática dos pequenos e fracos.

No segundo Cântico (49, 1-6), usando o gênero literário autobiográfico de vocação, o Servo fala de sua eleição, vocação e missão.

Sua palavra brota de uma situação de desânimo e abatimento na qual é chamado a renovar sua confiança em Deus que lhe confirma e amplia sua missão. O Servo foi chamado ainda antes de nascer e a consciência deste chamado revela sua fé na grandeza de Deus que guia a história e intervém nela por meio de seus eleitos.

A ação do Servo se dá mediante a Palavra, o que o coloca na linha profética. Ele encontra obstáculos que quase o fazem desanimar ao longo do exercício de sua missão. Para vencê-los, ele se apoia na fé e na confiança em Deus unidas à consciência do sentido profundo de sua vocação que transcende o campo puramente sócio-político.

Por sua vocação, se sente habilitado a conduzir um novo êxodo, já não mais para a Terra Prometida, mas para o próprio Deus e sua Aliança. É aqui que ele se torna luz para as nações, ou seja, guia espiritual que leva a salvação de Deus aos confins da terra: *“Pouca coisa é que sejas o meu servo para restaurar as tribos de Jacó e reconduzir os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra” (Is 49,6)*.

Ainda que politicamente possa parecer vencido, o Servo é chamado a restaurar espiritualmente o velho Israel que no futuro se estenderá a todas as nações formando o verdadeiro Israel de Deus.

O Servo prossegue sua missão e não foge dos sofrimentos como podemos constatar no terceiro cântico (50,4-9).

Este cântico se apresenta com o gênero literário da lamentação individual no qual o próprio Servo se apresenta como discípulo da Palavra e testemunha sua dócil e heroica fidelidade a ela.

A expressão *“O Senhor lahweh”* retorna quatro vezes evidenciando a grandeza divina contraposta à fragilidade do Servo.

Trata-se de uma perícopes desenvolvida a partir da pessoa anônima que fala e se identifica como servo e profeta. Quem é essa pessoa? Certamente um

indivíduo histórico, pobre e provavelmente um dos deportados que na Babilônia sofre opressão e violência.

O texto indica um conflito subjacente entre o projeto babilônico grandioso, dominador e centralizador e o projeto de lahweh de resistência à opressão, de luta pela justiça e de solidariedade entre os pobres.

O Servo contesta a adaptação dos exilados à ordem babilônica e se coloca declaradamente junto aos pobres, desanimados e cansados, defendendo o direito e a justiça.

Sua atitude lhe custa a perseguição, o sofrimento injusto da traição, mas ele não teme diante desta situação porque assume sua vocação de “discípulo do Senhor” e a partir dela não se cala o que o Senhor lhe ordena anunciar.

As consequências de sua obediência ativa à voz do Senhor são a perseguição, os ultrajes, a desonra e a humilhação. Bater nas costas, cuspir no rosto, arrancar a barba, são castigos físicos que *“visam humilhar a pessoa e desfragmentar seu eu. O objetivo desta humilhação externa é quebrar a pessoa por dentro, desfazer sua dignidade e destruir o que dá sustentação à sua existência”*³¹.

O que se constata, porém aqui é que o Servo, mesmo torturado não se dobra. Ele narra a sessão de tortura que sofre, como vencedor, sujeito ativo da ação testemunhando sua confiança no Deus que o socorrerá.

A coragem deste homem atesta a segurança de sua inocência e se afirma na certeza da justiça divina. Sua atitude rompe com a ideia da retribuição e contesta a lógica que afirma que o sofrimento é castigo pelo pecado.

Certos autores unem este cântico ao quarto pela semelhança de situação, mas o presente estudo quer dedicar ao quarto cântico uma exegese mais aprofundada, pois o silêncio do Servo se torna lugar da Palavra criadora de Deus que julga, chama à conversão e revela seu projeto de vitória sobre a morte passando por ela.

2.4 O quarto Cântico: revelação da Palavra Criadora de lahweh

³¹ DA SILVA, V., *O Senhor Javé deu-me língua de discípulo. Leitura do terceiro canto do Servo do Senhor segundo Is 50,4-9ª*, in: *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel: uma homenagem a Milton Schwantes* / 2007, orgs: KAEFER, José Ademar; JARSCHER, Haidi. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 93-94.

Como ápice do caminho do Servo de lahweh, intercalado pela proclamação da Boa Nova da libertação (52,1-10) e da fecundidade de Jerusalém (54,1-17), encontramos o quarto cântico, uma pérola do 2º Isaias que, segundo A. Shoekel e outros exegetas, não tem nada de equivalente no Antigo Testamento³².

Trata-se de uma elegia situada entre dois oráculos. Nos primeiros versículos (52,13-15) é o próprio lahweh que toma a palavra indicando o futuro e o presente do Servo: um futuro de vitória, exaltação e um presente de humilhação, desprezo e abandono. Ele também indica a perplexidade das nações diante deste paradoxo e indica a absoluta novidade desta experiência humana. Já está indicado neste início a contradição presente entre a humilhação presente do inocente e sua exaltação no coração de Deus. Tal contraste, segundo o próprio texto emudece os reis: *“Por sua causa, reis levarão a mão à boca, pois estarão vendo coisas que ninguém lhes tinha contado, das quais nunca ouviram falar”* (52,15b). Há no tom do cântico um grande silêncio que caracteriza o embaraço das testemunhas.

O capítulo 53 começa com a fala de um grupo de pessoas que não se identificam e falam no presente expressando sua própria perturbação:

Quem creu naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço de lahweh? Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar... (Is 53,1-2).

O profeta unido ao grupo ao recordar a biografia do homem sofredor que está diante de si, não anuncia uma teoria ou uma ideologia, mas a história de um anônimo, inocente no qual se revelou a força e ação divina não pelos seus próprios méritos, mas pela justiça divina que intervém na defesa daqueles que ama e que são rejeitados pela lógica humana do sucesso, beleza, aparência e glória.

Após traçar o perfil deste homem, o grupo assume sobre si a responsabilidade de seu sofrimento e de sua morte:

E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados (Is 53,4-5).

Diante da dor deste homem, aqueles que o contemplam manifestam sua participação profunda, a consciência da própria culpa e o desejo de mudar de atitude revendo seu próprio pensamento e testemunhando uma transformação pessoal.

³² Schökel, A. p. 320.

A confissão da culpa daqueles que veem este servo desfigurado, pode ser uma menção à expiação vicária através do sacrifício de um inocente. Há, porém um elemento que diferencia esta linguagem sacrificial da experiência do Servo: é o modo como ele assume o conflito e suas consequências, fazendo de si mesmo uma vítima que assume sua dor dentro do mistério da libertação. Ao fazê-lo ele introduz na revelação o conceito do sofrimento do justo como redenção.

Não se trata de uma legitimação da violência sagrada, mas da denúncia de uma prática violenta que faz uma pessoa ser vítima da outra. Ao mesmo tempo estamos diante de uma resposta radical à violência:

Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas lahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós (Is 53,6).

O testemunho das pessoas que contemplam este homem em sua humilhação mais profunda revela a força do amor solidário que assume a morte, a humilhação como fruto da contradição humana e a recria e ressignifica mediante o silêncio que leva à reflexão e à conversão. Nasce aqui, como diz Laura Gorgulho,

o Pobre de Deus, o homem que, vítima da opressão até a morte, desde seu nascer como raiz em terra seca (Is 53,2) até seu eclipsar violentamente nas mãos opressoras, permaneceu diante de lahweh, e conscientemente faz da violência que o aniquila uma oblação em reparação do pecado de seus assassinos e por eles intercede³³.

O versículo 8 confirma que o Servo foi arrancado da terra dos vivos pela salvação do povo, mesmo se não deixa claro se sua morte redentora tenha sido natural, mesmo se sofrida, ou violenta: *“Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo?”* (Is 53,8).

Ninguém se importa com a paixão do Servo. Como outrora, também em nossos dias há uma indiferença diante do inocente condenado. O cântico denuncia esta indiferença e transforma a memória desta morte em força de resistência e acusação da justiça humana.

Como em um precipício este homem vai caindo até a morte pública, civil, social. Não há a preocupação sequer depois de sua morte em proclamar sua inocência, ainda que esta inocência não seja negada em nenhum momento:

³³ GORGULHO, Maria Laura, *“O Servo de Javé em Is 53 e o nascimento do Pobre, Estudos Bíblicos, 24, Petrópolis: Vozes, 1989. p. 54.*

“Deram-lhe sepultura com os ímpios, seu túmulo está com os ricos, embora não tivesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca” (Is 53,9).

Neste abandono quase total, a novidade do Cântico se revela testemunhando que lahweh realiza a ação libertadora e vivificadora desta vida ferida:

Mas lahweh quis esmagá-lo pelo sofrimento. Porém, se ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório, certamente verá uma descendência, prolongará seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus triunfará (Is 53,10).

A associação do sofrimento à vontade de lahweh causa perplexidade, mas ao mesmo tempo revela o mistério de Deus que age no paradoxo capaz de fazer a vida brotar da morte. Uma leitura superficial do cântico pode atribuir a lahweh a causa do sofrimento do justo, mas se mergulharmos um pouco mais profundamente, poderemos constatar que não é esta morte sacrificial que agrada a Deus, mas uma vida na sua presença e na justiça, caracterizada pela prática do amor, do serviço e da gratuidade. Tal existência num mundo onde prevalece o ódio, a vingança, a sede do poder e a lei do mais forte, certamente será uma existência eliminada, destruída, vencida.

A morte do justo não é vontade do Deus da vida, mas na medida em que é assumida, pode se tornar lugar da revelação do seu projeto, denúncia contra as injustiças e semente de nova sociedade e novo tempo. Torna-se neste sentido luz e esperança para construir um reino de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão³⁴.

No entanto é aqui que Deus revela todo o seu poder ao retomar a palavra no cântico afirmando que

Após o trabalho fatigante da sua alma verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões. Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; visto que entregou a si mesmo à morte e foi contado entre os criminosos, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão (Is 53,11-12).

Neste segundo oráculo pronunciado por lahweh são proclamados os frutos da vida e morte do Servo: sua glorificação e justificação de muitos. “Ver a luz” expressão acrescentada na tradução grega da Septuaginta significa gozar a paz e a prosperidade. O Servo é reconhecido justo e inocente pelo próprio Deus. Pela

³⁴ Cfr. NAKANOSE, S. e PEDRO, Enilda de Paula, pp. 50-51.

coragem em assumir as consequências de uma vida na justiça num mundo injusto, se torna proposta de vida que justifica a muitos e os resgata para a vida.

Como diz Schökel em sua exegese dos últimos versículos:

O que triunfa é a empresa do Senhor, e triunfou não pela ação enérgica do Servo, mas por sua paixão silenciosa. Não fazendo nada, não dizendo nada, faz com que triunfe o desígnio de Deus. É aqui que se descobre a fecundidade do broto seco, a vida que supera uma morte violenta, o êxito do fracasso. O justo contempla a luz. Aceitando a leitura da tradução grega, o hebreu diz somente “verá”. Sua vida, paixão e morte foram “intercessão”, que o Senhor aceitou, seu silêncio foi oração ouvida³⁵.

Contemplar a figura do Servo à luz dos desdobramentos da história nos leva a reconhecê-la na pessoa de Jesus de Nazaré, o Justo crucificado. Trata-se da interpretação messiânica do Servo que foi assumida de forma muito clara nas comunidades cristãs primitivas como veremos no próximo capítulo.

Conclusão

Relendo a experiência dos sobreviventes da História de Israel e Judá é possível intuir algumas conclusões que nos permitem fazer uma leitura da história com o horizonte aberto como sentido para o momento presente.

É significativo constatar que a crise mais profunda foi também o momento mais fecundo deste povo, os sobreviventes experimentam que o Deus libertador que agiu em favor dos antepassados é o Deus criador que arranca vida da morte e esperança do vazio.

Na figura do Servo de lahweh este povo testemunha o modo de Deus agir, sua Boa Nova: Ele toma partido na história e realiza coisas novas transformando o desfigurado e humilhado em transfigurado e nascente de um povo novo.

Jesus de Nazaré, como veremos no próximo capítulo, assume para si esta vocação e missão do povo e do Servo inaugurando na história um tempo novo: o tempo de Deus que desde séculos atrás vinha sendo preparado.

³⁵ SCHÖKEL, p. 323.

CAPÍTULO 3

A RELEITURA CRISTOLÓGICA DOS CÂNTICOS DO SERVO **Revelação de sentido para o sofrimento**

O ponto de partida da releitura cristológica de todo o 2º Isaias, e particularmente do quarto cântico do Servo, é a hipótese que o próprio Jesus tenha assumido para si a identidade do Servo em sua vida, missão, paixão e morte. Tal hipótese se fundamenta nos registros históricos escritos mais antigos da comunidade cristã primitiva, entre os quais recebe um lugar de destaque o Evangelho segundo Marcos, fonte mais antiga de todos os relatos da vida de Jesus de Nazaré.

O termo “Evangelho” tem sua origem no 2º Isaias e aparece como aclamação da esperança e da paz que o mensageiro sobre o monte anuncia:

“Como são bem vindos, por sobre as montanhas, os passos do mensageiro que nos faz ouvir a paz, que traz uma mensagem de bem (grego: Evangelion), que nos faz ouvir a salvação, que diz a Sião: “Teu Deus reina”(Is 52,7).

É com a palavra “Evangelho” que Marcos abre seu livro, o primeiro testemunho escrito sobre a vida de Jesus de Nazaré, criando a partir desta expressão um gênero literário

para dar testemunho e interpretar autenticamente a figura de Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado, “mestre” único e definitivo da comunidade à qual o autor dedica sua obra, que recolhe diferentes tradições sobre Jesus e que emprega diversas formas literárias”³⁶.

Seu objetivo catequético é formar discípulos e discípulas que, assumem em si mesmos a vida do Servo – Mestre e se tornem sinal da vitória da vida sobre a morte, da paz sobre a violência, da esperança sobre o desespero.

Os Evangelhos são relatos pós-pascais que, ao indicarem uma releitura das Sagradas Escrituras à luz da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus, se transformam num testemunho vivo da vitória da vida sobre a morte e da Palavra definitiva de Deus pronunciada na história.

No presente capítulo, queremos percorrer os caminhos de Jesus de Nazaré – o Servo de lahweh – como discípulos e encontrar já na sua vida as sementes da

³⁶ ALEGRE, Xavier. “*Marcos a correção de uma ideologia triunfalista*”, A palavra na vida, n.8, 5ª Ed., São Leopoldo: CEBl, 2005, p. 7.

novidade que o levaria à morte e, por meio dela, à Ressurreição: Palavra depois do fim.

Segundo Mackenzie, é Jesus mesmo quem se identifica com o Servo. Tal atitude lhe permitiu assumir um papel que não combinava com nenhuma das categorias existentes de chefe carismático e salvador. Por outro lado, a identificação do Servo com Israel encontra um paralelo na identidade de Jesus com a Igreja. É Jesus mesmo o Servo que leva Israel à sua plenitude como verdadeira pessoa comunitária, vivo e presente ao longo da história na Igreja, seu corpo³⁷.

3.1 “Tu és o meu Filho Bem amado, em ti me comprazo”

(Mc 1,11// Mt 3,13-17// Lc 3,21ss; Jo 1,29-34)

Jesus chega de Nazaré da Galileia e se faz batizar por João no Jordão como tantos outros que, ouvindo a pregação de João em vista da conversão, mergulham no Jordão e emergem abertos à mudança radical de vida à espera do Messias. Para Jesus, este batismo se torna lugar da revelação de sua identidade e missão quando ele escuta a voz que vem do céu: *“Tu és meu Filho Bem Amado, em ti me comprazo.”*

A eleição e filiação divina são elementos característicos do Messias há tanto tempo esperado. Marcos, ao inserir em seu texto as palavras que se referem ao primeiro Cântico do Servo, já indica o tipo de messianismo que Jesus assume: Ele é o Messias Servo, aquele que não levanta a voz, que não quebra o caniço rachado nem apaga a chama que ainda fumeja. Ele é aquele que levará às ilhas o julgamento de Deus, que será aliança do povo, luz das nações e libertador dos que estão no cárcere (cfr. Is 42,1-7).

A comunidade primitiva, relendo à luz do mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus sua história, reconhecem que Ele é este Servo. Marcos o testemunha como Boa Notícia relatando que após o Batismo, Jesus é impelido pelo Espírito para o deserto, para viver durante quarenta dias, a experiência que refaz a

³⁷ MACKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico, verbete Servo de Iahweh*, São Paulo: Paulus, 1983., pag. 872.

Aliança, remontando ao Êxodo e ao Exílio onde o povo no deserto e no desterro se deixou reencontrar por Iahweh (Mc 2,12-13).

A prisão de João Batista é o sinal para Jesus que chegou a hora do anúncio da “Boa Nova” da paz e ele proclama: *“Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”*(Mc 1,15// Mt 4,17// Lc 4,14s).

As quatro palavras-chave de Jesus remetem ao *“tempo de Deus”* a hora em que o tempo da gratuidade – kairós – entra no tempo cronológico e Deus assume a história *“ele vem com poder, seu braço assegura a sua autoridade...”* (Is 40,10); ao *“Reino de Deus”* – categoria teológica que remete mais uma vez ao Êxodo e ao Exílio; à *conversão* – apelo fundamental diante da iminência do Reino e à fé no *“Evangelho”* – Boa Notícia que transforma a história.

O céu aberto, a pomba sobre Jesus e as palavras que Ele ouve, indicam que sua vida é chamada a ser sinal radical do amor de Deus que se faz serviço. Ela prevalece sobre todas as forças do poder vigente que chegam a ser força de morte em nome da religião.

Iluminado pela experiência da comunidade dos discípulos que experimentaram em suas vidas a força da morte e ressurreição de Jesus, o testemunho de Marcos dá um novo sentido e horizonte à figura do Servo de Iahweh que no Antigo Testamento ainda era promessa e que se realiza no Nazareno.

3.2 “Tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças” (Mt 8,17)

Enquanto Marcos indica o messianismo do serviço desde o Batismo de Jesus, Mateus procura em diversos momentos do seu Evangelho, fundamentar a vida e missão de Jesus nas Sagradas Escrituras. Para indicar a ação de cuidado que caracteriza a vida de Jesus, ele remete seu testemunho ao quarto cântico do Servo que traduz de forma muito clara em que consistiu a solidariedade de Jesus: *“Tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças”* (Mt 8,17// Is 53,4).

Para compreendermos melhor esta afirmação é importante aprofundar o que significava concretamente para Jesus, assumir a condição de Servo.

No adjetivo “servo” está implícita toda a sua existência no silêncio de Nazaré, na vida pública com e como os pobres, assumida não como uma fatalidade, mas como um ato de liberdade fundado na caridade. Trata-se de uma vida que deu um novo sentido à existência humana e mudou o rumo de sua história porque Jesus, como servo, semelhante aos homens, leva em si toda a humanidade. Ao mergulhar na realidade mesquinha de nossa existência ele nos enxerta na corrente profunda de sua vida divina.

Este ato de Jesus não foi uma farsa, uma aparência somente, como se poderia pensar à primeira vista, mas foi um mergulho na condição humana no que ela tem de mais humilhante: como um escravo e se tornou para a comunidade que professa essa fé, o caminho para o mergulho na condição divina através do batismo e do seguimento do caminho aberto por Ele.

Mateus, ao referir-se a este estilo de vida de Jesus, testemunha sua sensibilidade, sobretudo para com duas categorias de pessoas: os doentes e os endemoninhados, provavelmente porque estas pessoas são as que mais expressam o limite e a fragilidade humana. Ao lado de Mateus, diversas passagens dos sinóticos nos revelam esse semblante humano e servidor de Jesus: Ele está perto da categoria mais rejeitada dos homens de seu tempo: os pescadores (Mc 1,16-20), os cobradores de impostos (Mc 2,13-17), os doentes (Mc 1,32-34), os “fora da lei”. Ele toca os impuros – leprosos (Mc 1,4-45), aproxima-se das mulheres (Lc 8,1-4), faz caminho com um grupo de discípulos que tinham como única referência o cotidiano de uma vida sem grandes projetos, sem pompa, sem solenidade. E será o Evangelho de João que nos mostrará o extremo do fazer-se servo: o lava pés (Jo 13, 1-15), gesto reservado aos escravos da mais baixa categoria de seu tempo. Gesto que Jesus assume, como a nos lembrar que ao fazer-se servo de nossos servos – os pés – Ele quer instaurar na humanidade um novo referencial de relacionamento: o do serviço e solidariedade.

Esse mergulho em nossa humanidade, na obscuridade e fidelidade até o extremo é de um lado o referencial básico da fé cristã e do outro, o exemplo de ética do homem de fé.

Justamente por esse modo de ser, por essa prática revolucionária num contexto social onde só contava o poder, a força, a hierarquia e a autoridade, Jesus incomoda e vê marcada pela perseguição e pelo conflito sua vida em meio a seu povo.

Identificado com o Servo do 2ºIsaias, ele não levanta a voz pelas praças, mas abre seu ouvido a cada manhã para ouvir os ensinamentos do Pai. Progressivamente, vai assumindo o limite do serviço, o preço mais alto a ser pago: a morte.

3.3 “Com ele crucificaram dois ladrões, um a sua direita, o outro à esquerda” (Mc 15,28) – “Foi contado entre os criminosos...” (Is 53,12)

A morte de Jesus foi fruto e consequência de sua vida. Ela só pode ser concebida a partir da experiência de sua vida. Ele não foi compreendido pelos seus, foi rejeitado e eliminado da terra dos vivos, ainda que em sua vida tenha vivido radicalmente a vocação de servidor sendo um dom de Deus por seu estilo humano radical de viver a solidariedade, a misericórdia e o serviço.

A associação que os Evangelhos fazem de Jesus ao Servo do 2º Isaias torna-se ainda mais clara e explícita no relato da Paixão, núcleo que no texto de Marcos nos é apresentado como o relato da semana da Páscoa judaica iluminado pela novidade da Páscoa cristã: o Ressuscitado é o Crucificado!

Como em Is 52,13-53,12 e no salmo 21(22), pode-se constatar no relato da Paixão presente nos Evangelhos e também no testemunho de Paulo (Fl 2,9), até que ponto Jesus se entregou ao Pai e foi abandonado por todos, inclusive por seus discípulos. As principais interpretações da cruz nas primeiras comunidades não explicam o porquê da morte de cruz de Jesus, mas destacam a vida de Jesus como vida doada com amor gratuito e isto revela o amor de Deus.

Os Evangelhos relatam com a peculiaridade própria de cada um, o que significou essa vida doada e essa morte violenta para Jesus, para os discípulos, para a multidão, para os chefes dos sacerdotes, para o poder romano na pessoa de Pôncio Pilatos, para os homens e as mulheres de seu tempo.

Também a Primeira Carta de Pedro, faz referência à morte de Jesus na obediência como uma realização da profecia de Isaias quando afirma em outro belo hino do Novo Testamento que *“também Cristo sofreu por vós deixando-vos o exemplo, a fim de que sigais seus passos. Ele não cometeu nenhum pecado; mentira nenhuma foi achada em sua boca...”* (1Pd 2,21-22).

E a Carta aos Hebreus chega a dizer que Jesus, “*embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento*” (Hb 5,8). Estas palavras remetem ao mistério da morte de Jesus como expressão limite de seu serviço e entrega na vida. Ele, obediente ao Pai foi rebelde diante da lei que anulava a dignidade humana. É nesse sentido que devemos entender a fidelidade obediente do Filho Amado em uma realidade que sobrepõe a lei ao amor.

O justo é condenado à cruz, segundo a Lei, instrumento de maldição, pois sua justiça e fidelidade escandalizaram um mundo de obediência subserviente às leis humanas. A fidelidade de Jesus a Deus e ao seu Reino custou-lhe o preço da condenação e da morte, e ele não recuou, não fugiu, ofereceu o dorso aos que lhe batiam (Is 50,6), como ovelha, conduzida ao matadouro, não resistiu, não abriu a boca (Is 53,7), foi rejeitado. Sua morte não foi somente física, mas também civil, foi a morte reservada aos impostores, se bem que não tenha cometido pecado (Is 53,8).

Aqui emerge o mistério maior da fé que se torna o eixo da conversão ao discipulado após a experiência da ressurreição: foi justamente essa morte, esse tipo de morte, como rebelde, a causa da exaltação de Jesus, o limite de sua humilhação e o ponto de partida de sua exaltação.

A condição de servo atinge aqui seu ponto mais baixo: o servo rejeitado. A novidade da fé cristã passa justamente pela contradição que está em sua raiz: Desde que Jesus assumiu em si mesmo o fracasso da morte, este já não é o ponto final de uma existência, mas ponto de partida para a vitória da vida sobre a morte, a vitória da misericórdia, da justiça e da solidariedade sobre o poder constituído sobre a arrogância, dominação e violência.

A este ponto de nosso trabalho emerge a pergunta: Porque Jesus, o “*Filho do Homem*” (Dn 7), o “*Servo que Deus amou e escolheu*” (Is 42,1ss), chegou a experimentar a condição de julgado, condenado e morto pelas autoridades constituídas do seu tempo? Pergunta que remete ao quarto Cântico: “*Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo?*” (Is 53,8).

Um julgamento humano, mesmo em nome da religião, chega a eliminar o Servo e torna-lo objeto de ignomínia a caminho de uma morte violenta. O Evangelho de Jesus – o Filho de Deus, o Servo – encontra justamente aí, no fracasso da cruz, o itinerário que dá início à nova criação: na medida em que a comunidade dos

discípulos mergulha com Ele em seu mistério de morte pública e o testemunha vivo mediante a comunhão e a solidariedade, se manifesta que a vida venceu a morte e o tempo se cumpriu.

No caminho do calvário fica evidente o confronto entre a força e o poder da lei e a fraqueza e impotência do coração humano. Por outro lado, é também neste caminho que se revela a fraqueza da lei e a força do amor que rompe com a lógica humana. Aqui se encontra a força da teimosa esperança na vitória da vida. Maria, o discípulo amado e algumas discípulas, entre as quais se destaca Maria Madalena, são as primeiras testemunhas da Boa Nova da ressurreição. A coragem de descer com Jesus até sua morte humilhante na cruz torna-se ponto de partida para um novo começo que na madrugada da ressurreição se revela como nova criação a partir do anúncio de Maria Madalena: “Eu vi o Senhor!”

Jesus mostrou-se de

uma absoluta fidelidade ao sentido do texto do Servo e a seu alcance descobrindo nele a profecia de sua vida e a prefiguração providencial de sua morte e de sua glória. Seus discípulos encontrarão nesse cântico a mais alta expressão da Redenção e da solidariedade de todos os homens no sacrifício expiatório do Servo³⁸.

Diante da perversidade da morte, Jesus tem duas atitudes que se confirmam sua vocação de Servo segundo o anúncio profético de Isaias: ele grita seu abandono e pede perdão pelos que o crucificam. É no perdão e no abandono que estão no centro da paixão de Jesus, que transparece como Jesus assumiu radicalmente a profecia do quarto Cântico e sua condição de Servo de Deus.

Mediante o perdão Jesus recria as relações e desafia seus opressores a reconhecer sua culpa e buscar a mudança. É aqui que aparece o fruto da semente da resistência, a fé na ressurreição.

3.4 “Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?”(Lc 24,26)

³⁸ STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*, São Paulo: Paulinas, 1976, p. 194.

Uma das questões que deixam uma grande perplexidade no testemunho da fé cristã é a paixão e morte de cruz como uma necessidade, conforme se pode constatar nos relatos dos Evangelhos pós pascais.

A releitura da morte à luz do clarão da ressurreição revela o ponto alto do amor de Deus pelos seus. Tal leitura gera crise, contrasta com a lógica humana da retribuição temporal e torna-se palavra de vida geradora de novas relações, chamado à conversão e à radicalidade do seguimento.

No caminho para Emaús, Lucas descreve a perplexidade dos discípulos diante do escândalo da paixão e a novidade que irrompe na presença do peregrino desconhecido que após escutar seus clamores e angústias, indica-lhes a releitura dos fatos à luz das Escrituras e ilumina seu sentido escondido.

Trata-se de um caminho litúrgico – catequético, perpassado pela pedagogia divina. Lucas é o único evangelista que o relata como fruto de uma elaboração madura do mistério da paixão, morte e ressurreição do justo, como realização das promessas feitas aos antepassados sobre o Messias.

O ponto de partida do caminho é a coragem de fazer silêncio diante do escândalo da morte. O peregrino caminha em silêncio com os dois discípulos que se afastam da comunidade reunida em Jerusalém, escuta suas queixas, pergunta-lhes o que aconteceu. Assim como foi pelos caminhos da Galiléia a Jerusalém, é Jesus no caminho de Jerusalém para Emaús: um servo que escuta e coloca seus discípulos diante de si mesmos e da própria verdade.

A escuta é ponto de partida e não ponto final. Após escutar, o peregrino ressuscitado convida-lhes a reler as Escrituras à luz do mistério da dor que estão sentindo. Na releitura o coração vai ardendo, pois ressuscitado, Jesus confirma todas as imagens de Deus que foram aprendidas pelos pais: amor, proximidade, compaixão, misericórdia, justiça...

Da coragem de mergulhar na dor brota a força para reconhecer na dor a presença viva de um grande amor. O reconhecimento os leva a assumir sua própria realidade e chega a hora de se separar do peregrino quando, aproximando-se de casa, Ele age como quem prossegue seu caminho. Aqui nasce a novidade: o mistério da paixão e da morte do servo só se ilumina na medida em que Ele é convidado para entrar em nossa vida, em nossa casa, em nossas angústias e esperança.

A liberdade dos discípulos é desafiada a se posicionar mediante um convite: *“Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia declina!”* Acolhendo o convite, entrando para partir o pão com eles, o peregrino lhes oferece a luz necessária para que eles ressignifiquem a dor e reconheçam como necessário o que lhes parecia absurdo. Os gestos do peregrino evocam os gestos de Jesus de Nazaré, que no pão partido revela o sentido da vida dando-se a si mesmo como alimento gerador de vida e de esperança.

Reconhecer no peregrino o ressuscitado é fruto da experiência da partilha, do serviço, do discipulado assumido que faz da comunidade aparentemente perseguida uma comunidade servidora que torna atual a vitória do Servo, a vitória de Deus, a vitória da vida.

O discipulado que emerge a partir da ressurreição é marcado pela partilha, pelo horizonte da esperança e pela certeza que o Reino de Deus já se faz presente, ainda que, perseguido e aparentemente insignificante. Quem quiser ser discípulo de Jesus sabe que as cruzes estarão presentes em seu caminho, mas sabe também que já não sofre sozinho e numa dor sem sentido: seu olhar está direcionado para o horizonte e o futuro que lhe espera: a profecia da vida conforme a vida de Jesus³⁹.

3.5 “Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos...” (Is 53,11): “Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos.” (Mc 14,24)

A comunidade cristã primitiva após a morte e ressurreição de Jesus lança-se numa releitura do Antigo Testamento aplicando a Jesus a profecia de Isaias. O ponto culminante desta releitura é a visão de Jesus como justiça de Deus, eliminado pelos homens como denuncia Pedro em seu discurso após a cura do paralisado, quando afirma:

O Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, o Deus de nossos pais glorificou seu servo Jesus, a quem vós entregastes e negastes diante de Pilatos, quando este já estava decidido a soltá-lo. Vós acusastes o Santo e o Justo e exigistes que vos fosse agraciado para vós um assassino, enquanto fazíeis

³⁹ Cfr. PEREIRA, Sueli da Cruz, *A teologia da cruz em Jon Sobrino: o caminho mistagógico da kenosis*, dissertação de Mestrado, PUC, RJ, março 2011. p. 116.

morrer o príncipe da vida. Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos e disto nós somos testemunhas. (At 3,13-14).

Estamos diante de uma cristologia muito antiga que associa Jesus ao Servo. Trata-se da experiência pessoal de Pedro, citada em Atos e também em sua primeira carta (1Pd 2,2ss) que menciona literalmente Isaias 53, 5.6.9.12).

Este testemunho da Igreja primitiva ganha força na medida em que revela o projeto de Deus que inverte a ordem humana e a julga. Deus escolhe o crucificado, o condenado indicando um caminho de êxodo e kenosis para quem quiser continuar a testemunhar seu reino.

O modo como Jesus de Nazaré viveu e morreu revela a intensidade de sua solidariedade e obediência e se torna um caminho de justificação para muitos. É na sua fidelidade e obediência ao Pai, transformadas em amor-serviço, que Ele vence a morte e abre para a humanidade um novo começo, um caminho que faz daqueles que o seguem “novas criaturas”, reconciliadas, ressuscitadas e com Ele, por Ele e Nele, sinais da irrupção do Reino na história.

Ao contrário do que pretendia a religião judaica e o poder do Império Romano, a condenação de Jesus não conseguiu matar seu projeto porque este era projeto de Deus. Jesus continua vivo nas comunidades de seus discípulos mediante seu espírito que é força de Deus animando e conduzindo em direção ao Reino.

A compreensão do mistério do Servo que assume o sofrimento humano e triunfa sobre a morte tornando-se juiz a partir da sua condição de réu, foi emergindo aos poucos. Foram as discípulas, como testemunham todos os evangelhos, as que primeiro fizeram a experiência da presença luminosa do ressuscitado em suas vidas. Graças a elas e àqueles que se reintegraram à comunidade ferida pela paixão e morte do Mestre, o projeto de Deus revelado por Jesus Cristo não morreu na cruz com Ele.

O corpo entregue e o sangue derramado do justo que assumiu corajosamente o destino que os injustos lhe reservaram se transformam em julgamento da história e apelo à conversão. Assumir o mistério da paixão do Servo, mergulhar com Ele na morte torna-se assim caminho para ressuscitar com Ele para a vida e manifestar a glória de Deus revelando sua presença ao longo dos tempos.

Essa convicção foi amadurecendo aos poucos nas comunidades. A memória da Paixão vivenciada em comunidades celebrativas foi se tornando lugar para reavivar a esperança, testemunhar a vitória da vida sobre a morte e anunciar que o

“Servo, o justo, pelo seu conhecimento justifica a muitos” (Is 53,11). As comunidades dos discípulos e discípulas do Servo tornam-se comunidades servidoras, lugares onde Deus continua indicando o caminho da justiça conforme seu projeto de amor.

3.6 “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!” (Lc 1,38^a)

A moldura do evangelho de Lucas, também chamado “evangelho da infância de Jesus” traz para nós outro elemento que vale a pena acrescentar nesta releitura cristológica do Servo. Trata-se do mistério da encarnação que, no sim de Maria iniciou uma nova era para a história da humanidade.

Acrescentamos este elemento na presente reflexão por compreender que há uma convergência entre a ação divina e humana de Jesus em torno de sua condição de servo também a partir da identidade de Maria, sua mãe.

A humanidade tem reservado inúmeros títulos honoríficos para designar a Mãe de Jesus ao longo da história. Segundo o relato de Lucas, o próprio anjo lhe dá o título de “Cheia de graça”.

Ela, porém atribui a si um único título: “Serva do Senhor”. Os Evangelhos da infância relatam, nos belos quadros da Anunciação e da Visitação, com que firmeza e ternura Maria atribui a si mesma esta densa expressão.

Pode-se argumentar sobre a autenticidade destas palavras nos lábios de Maria, mas não se pode negar que sua postura de serva pode ser reconhecida nas entrelinhas dos evangelhos: ela guarda no coração o que não compreende, permanece anônima ao longo da vida pública de Jesus, vive como discípula de seu filho, está de pé junto à cruz onde acolhe o discípulo amado como seu filho e permanece unida à comunidade orante que testemunha o ressuscitado.

Ao se declarar serva do Senhor no seu *Magnificat*, Maria afirma que o Senhor olhou para sua humildade e acrescenta as palavras que indicam o programa que Jesus em sua vida de Servo realiza: dispersa os corações soberbos, exalta os humildes, sacia os famintos, despede os ricos de mãos vazias e socorre Israel, seu servo (cf. Lc 1, 46-55).

Lucas coloca nos lábios de Maria a profecia do serviço: Deus inverte a lógica humana do poder e da dominação escolhendo aquele que a história rejeita: o justo, pobre, servo e crucificado. A irrupção de Deus na história não acontece a partir do alto, mas a partir de baixo: dos pequenos e últimos.

Maria no *Magnificat* é a voz da comunidade ressuscitada que em Jesus Cristo Ressuscitado testemunha o projeto de Deus e a atuação de seu Reino como constante convite à conversão.

Conclusão

Jesus assume para si a vida, vocação, missão e destino do Servo. Seus discípulos testemunham um estilo de vida que revela o jeito de Deus assumindo a condição humana e tomando partido na história.

A grandeza do gesto de Jesus revela que a vitória da vida sobre a morte que sua Ressurreição testemunha, é fruto de um estilo de vida e de uma opção que oferece critérios para reconhecer nos sofredores, pobres e pequenos os traços de sua presença.

Neste capítulo percorremos um caminho partindo do batismo no Jordão, passando pela vida de serviço assumida por Jesus e chegando à culminância na cruz e ressurreição, expressão de sua grande paixão pela humanidade.

O último capítulo de nosso trabalho que desenvolvemos a seguir, se propõe aprender de Jesus esta Palavra criadora de Deus que ilumina nosso caminho e pode oferecer ao homem e à mulher de hoje uma esperança, um sentido para viver, para amar, e até, para assumir sua dor e sofrimento.

CAPÍTULO 4

A PALAVRA CRIADORA DE DEUS NA VIDA DO SERVO

Luz para nossos passos

A compreensão do mistério do Servo de Iahweh teria seu sentido reduzido se não nos levasse a reconhecer seu rosto em nossos dias. Ele está vivo e presente em tantos irmãos e irmãs que continuam carregando sobre si as dores e os pecados de uma sociedade que sendo injusta e fechada em si mesma é movida por um sistema neoliberal que precisa de vítimas para se alimentar.

Perguntamo-nos neste capítulo: Há uma Palavra criadora de Deus capaz de julgar esta realidade e de anunciar uma Boa Nova que a liberte? Nesta pergunta está implícita a inquietação de quem não aceita uma leitura sacrificial que justifique a morte do justo e busca um sentido que ressuscite, na força da memória, tantos mortos inocentes, vítimas de sentenças injustas que denunciam o escândalo da rejeição ao projeto de Deus anunciado pelo Servo e tornado atual por Jesus Cristo.

Não pretendemos buscar justificativas para as mortes injustas, mas discernir, mediante a releitura bíblica, qual é a Palavra de Deus que ainda hoje anima a vida dos pobres; que fala pela vida dos pobres; que chama à conversão e à solidariedade e que nos desafia à atitude profética de abertura e escuta que se transforma em palavra consoladora.

Nosso trabalho se coloca na perspectiva das vítimas⁴⁰ reconhecendo com elas o Deus que as escolhe e nos desafia a defendê-las. Será esta perspectiva a relevância da reflexão bíblica e teológica em nosso tempo como o foi na experiência primitiva da fé cristã.

Trilhando este caminho retomamos a perspectiva de Jesus em seu amor compassivo pelos pobres que em atitudes de misericórdia, compaixão e consolo nos revelam o rosto de um Deus que escuta e se identifica com os pobres mais pobres.

⁴⁰ Cfr. SOBRINO, Jon, *“La fe en Jesucristo – Ensayo desde las victimas”*, Madrid: Edit. Trotta, 1999. Pag. 12. Neste ensaio Jon Sobrino aprofunda a reflexão sobre a sociedade atual vendo nas vítimas desta sociedade o rosto de Jesus Crucificado interpelando constantemente a humanidade à conversão.

4.1 A Palavra de Deus que anima a vida dos pobres

A Sexta Feira Santa é um dia que retrata a mística religiosa dos pobres de forma muito intensa. O mistério celebrado neste dia é precedido pela devoção popular da Via Sacra, celebrada nas sextas feiras ao longo da quaresma.

É significativo que, mesmo num contexto onde se exalta a dimensão triunfal do Cristo glorioso, é no mistério de sua vida, paixão e morte que os pobres mais se identificam. A Palavra de Deus que anima a vida dos pobres se torna assim a Palavra que nasce do silêncio da morte na cruz.

Há uma multidão de homens e mulheres empobrecidos que se reconhecem no Crucificado e buscam nele uma esperança que dê sentido e lhes ajude a carregar a própria cruz. Jon Sobrino, ao refletir sobre Jesus Crucificado como revelação do rosto de Deus nos convida a reconhecê-lo nesta multidão e a assumir a missão de descer da cruz os crucificados de hoje a partir da ressurreição do Crucificado Jesus, Servo escolhido de Deus por seu modo humano de enfrentar a vida e a morte.

Neste sentido o Servo – que reconhecemos na vida, paixão e morte de Jesus de Nazaré – se torna Palavra de Deus que ilumina a vida dos pobres. Palavra que não justifica o sofrimento, a dor e as injustiças, mas condena estas realidades na medida em que as vence mediante a ressurreição.

Esta Palavra nos chama a configurar-nos a Cristo assumindo as contradições e limitações impostas pela realidade como fonte de esperança de que é possível viver humanamente na história e é possível vencer os poderes do mal.

Ao apresentar Jesus como o Filho Amado – o Servo de Is 42,1 (Mc 1,9-11), o Cordeiro de Deus (Jo 1), o Bom Pastor, os evangelhos nos indicam que o Filho é agradável a Deus porque é servo, ou seja assume sua missão sobre a terra disposto a ir até as últimas conseqüências na cruz.

Neste sentido, contemplar o Servo de Isaias é encontrar uma palavra de luz que nos leva a reconhecer Jesus como Filho de Deus, por isso urge recuperar a figura do Servo na experiência de Jesus feita pelos empobrecidos do mundo atual, pois seria muito triste que num mundo crucificado não se usasse nem nada se falasse sobre este título de Cristo que Ihe identifica.

4.2 A Palavra de Deus fala pela vida dos pobres e sofredores

É preciso ter coragem de nos perguntar o porquê do sofrimento. Tal realidade evoca a experiência do mal e sua origem. Em si mesmo o sofrimento não tem sentido e mais ainda quando é fruto de relações injustas e desumanas. No entanto há uma Palavra divina pronunciada nesta dor: trata-se da solidariedade misericordiosa de Cristo com toda pessoa que sofre.

Desde que Jesus foi elevado na cruz ninguém sofre sozinho, ninguém morre sozinho. Ele, com a entrega corajosa de sua própria vida, tornou-se a resposta mais completa à interrogação pelo sentido do sofrimento não por meio de teorias, mas pelo dom total de si mesmo.

Quando nos perguntamos sobre a presença de Deus ou sobre o motivo pelo qual Ele permite o mal e a dor, caminhamos na direção da experiência de Deus como um “Deus menor” que se revela também mediante o sofrimento. Sua vida doada no cuidado e serviço aos pobres, enfermos, endemoninhados, leprosos, crianças, mulheres, e radicalmente oferecida no mistério da paixão, torna-se palavra ainda atual que continua interpelando corações sensíveis à conversão e à solidariedade. Ele se aproxima de quem sofre, dobra seu coração com nossas misérias e nos chama a acolher sua presença como fonte de vida, esperança e de novos relacionamentos não mais fundamentados na humilhação de uns pelos outros, mas no serviço que recria e eleva os humilhados.

Para ouvir esta palavra criadora precisamos tirar as sandálias dos pés, ou seja, esvaziar-nos de nossas seguranças e certezas e silenciar diante do sofrimento do irmão; abrir-nos à escuta; esvaziar-nos de nós mesmos para dar espaço ao irmão que clama pela nossa solidariedade; romper com preconceitos e leis que justificam realidades de humilhação e exclusão injustificáveis. Neste processo temos condições de assumir com coragem um mergulho na realidade conflitiva do mundo em que vivemos carregando solidariamente com os marginalizados a sua cruz como fruto e expressão do seguimento e conformidade ao Cristo Servo Crucificado e Ressuscitado.

A vida no meio dos pobres nos ensina a aprender com Eles o serviço que liberta, redime e preserva a vida. Muitos entre eles são os “profetas da ecologia” reciclando o que a sociedade do descartável elimina como diz José Lutzemberguer

ao afirmar que *“um só catador faz mais pelo meio ambiente no Brasil, do que o próprio ministro do Meio Ambiente”*⁴¹.

Outros são os enfermos, que como proclama o canto da CF 2012: “ao chegar aos hospitais fica a sofrer sem leito e sem medicamento”. Pessoas que são humilhadas nas longas filas das calçadas, nas longas viagens para tratamentos de doenças crônicas e que se mantêm ainda vivas na medida em que se identificam com o Cristo-Servo que é para elas fonte de luz, força e coragem.

Para todos estes irmãos não é insignificante o anúncio de triunfo e vitória do servo como horizonte de esperança e força ao longo do caminho, mas não podemos nos conformar com esta palavra como se fosse um sedativo ou uma justificação do sofrimento.

É urgente acolher o convite à conversão implícito nesta palavra e procurar ouvir o que Deus nos fala pela vida do servo vivo e presente nos irmãos e irmãs que sofrem..

4.3 A Palavra de Deus chama à conversão e à solidariedade

Acolher a Palavra pronunciada por Deus na pessoa do Servo nos desafia à conversão de atitudes que implica um novo olhar, um novo sentir e um novo agir. Os bispos em Aparecida expressam este chamado retomando a opção preferencial pelos pobres, marca característica da Igreja Latino Americana e afirmam que *“a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza. Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem que se fez nosso irmão”*⁴².

Contemplar os sofredores e pobres no coração de Deus desafia-nos a uma prática evangelizadora e pastoral nova, marcada pelo seguimento de Jesus na sua encarnação, paixão, morte e ressurreição.

Ele, como Servo de Deus, continua presente, escondido nas periferias de uma sociedade que já não o reconhece porque o busca triunfante e glorioso como

⁴¹ Citado por BOFF, Leonardo em ADITAL, 12/04/2010. Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?cod=46834&lang=PT . Acesso 08 mai. 2012.

⁴² D A, 177.

que justificando seus novos valores “lights” que justificam o consumismo, o desrespeito pela vida e pela natureza e a insensibilidade diante da dor.

Diante da vivência de cristãos que anunciam com a própria vida a proximidade de Deus na história, somos chamados a nos humanizar mais e encontrar o nosso lugar próximo aos crucificados de hoje, sendo solidários com eles, pois a fonte e o fundamento do amor-solidariedade aos crucificados é o próprio Crucificado. A forma mais concreta de carregar a cruz de Cristo é encarregar-se do Reino e de seus destinatários: os pobres. Esse “encarregar-se” pode vir acompanhado do martírio, porém “a opção pelos pobres, custosa certamente, não só deve ser vista como algo que implica sofrimento e riscos, incluído o martírio, mas também como algo que dá sentido e prazer à existência”⁴³.

Retomamos aqui os rostos que contemplamos no primeiro capítulo de nosso trabalho e ampliamos estes rostos: indígenas e afro americanos, mulheres, jovens, crianças, pessoas feridas que vivem à margem da sociedade. Todos passam pelos nossos olhos e nos desafiam, estão perto de nós pelas calçadas e ruas das grandes cidades, esperando nossa atenção e solidariedade; são migrantes sem terra e sem dignidade, desafiando-nos a tomar posição nos conflitos sociais; são doentes nas grandes filas ou abandonados nos recantos mais retirados de nosso país esperando uma visita; são vítimas das drogas morrendo antes do tempo nas crackolândias ou nos presídios. Até quando esperarão por nossa resposta?

Sabemos que são os escolhidos de Deus. Ele em sua misericórdia derrama seu coração amorosamente sobre a miséria destes irmãos e irmãs, mas, como diz um teólogo: “os braços de Deus são os nossos braços”⁴⁴ que podemos parafrasear dizendo que as mãos de Deus são as nossas. Aqui emerge o apelo fundamental à conversão: já que os pobres tornam presente a escolha de Deus, são eles o lugar teológico fundamental para aprendermos a lição do serviço que dá a vida e ressuscita antecipando o novo tempo e a nova sociedade de mais justiça e vida para todos.

⁴³ PEREIRA, Sueli da Cruz, p. 119.

⁴⁴ LIBÂNIO, João Batista, *A morte e os jovens*. Disponível em: <http://www.jblibanio.com.br> acesso em 19 mar 2012.

4.4 “O Senhor lahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei” (Is 50,5)

Retomando a pergunta que nos levou ao encontro com a Palavra do Servo, queremos nos apropriar neste final de trabalho das palavras do próprio Servo: “O Senhor lahweh me deu língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto” (Is 50,4^a). De fato, de nada vale toda esta pesquisa se o próprio Deus não nos der a capacidade de falar como discípulos que ajudam os desanimados com uma palavra de conforto.

Toda esta pesquisa nasceu da intuição de que há uma Palavra criadora de Deus que atravessa as Sagradas Escrituras e está viva e atuante na realidade de hoje; uma Palavra que dá sentido e reanima a esperança a cada manhã, como diz o cântico: “De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos (Is 50,4b)”. O discipulado não é um muito saber, mas um abrir-se à Palavra escondida que fala na vida e na dor dos pobres; que fala nas periferias e nos “bastidores” dos sucessos aparentes do mundo do sucesso e do poder. Esta Palavra torna viva e atual a vitória da vida sobre a morte e tem a força de descer da cruz os crucificados dando-lhes um sentido para seu viver e seu morrer.

Resta-nos, portanto repetir como o servo no cotidiano da realidade conflitiva em que vivemos:

O Senhor lahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei. Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injurias e aos escarros. O Senhor lahweh virá em meu socorro, eis porque não me sinto humilhado, eis porque fiz do meu rosto uma pederneira e tenho a certeza de que não ficarei confundido. (Is 50, 5-7).

Esta palavra de esperança dá sentido ao aparentemente sem sentido que vivemos no momento atual, é a palavra que fundamenta nossa fé naquele que é o Vivente e caminha conosco porque nos ama. É palavra que nos convida a amar e ilumina nossa caridade para com todos os que, em sua realidade de sofrimento e dor, tornam atual a vida, a paixão a morte e a ressurreição de Jesus Cristo que venceu a morte passando por ela.

Sim, podemos afirmar ainda em nossos dias que “eterna é a misericórdia do Senhor”, pois Ele inverte a ordem humana que aparentemente faz triunfar o forte sobre o fraco. Ele se faz pequeno com os pequenos e espera que o reconheçamos e

amemos. Ele nos esperará no juízo final para nos revelar seu rosto luminoso que já caminhava conosco desfigurado naqueles que passaram por nós com fome, com sede, peregrinos, nus, doentes e presos. Ele nos chama a nos encarnar concretamente onde estamos.

Encarnar-se é optar e posicionar-se cristãmente diante de alternativas de nossa vida: riqueza ou pobreza, vanglória ou humilhação, poder ou serviço, portanto a encarnação é excludente e conflituosa: Ninguém pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro (Mt 6,24). A opção pela pobreza, humilhação e serviço é conflitiva com os detentores da riqueza e poder. “Pobreza e riqueza não podem coexistir justapostas e pacificamente, porque a pobreza é ‘contra’ a riqueza (Santo Inácio)”⁴⁵.

Servir ao Deus da vida é cuidar daqueles e daquelas que são sua morada no coração da história: os empobrecidos que clamam por dignidade, respeito, solidariedade e amor transformado em prática de vida. No rosto dos seres humanos mais desfigurados habita o Filho do Homem, Servo de Javé que viu, ouviu, conheceu o sofrimento, desceu para nos libertar e chama ainda hoje a segui-lo e servi-lo.

⁴⁵ PEREIRA, Sueli da Cruz, p. 111-112.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, partimos da realidade atual de exclusão como lugar a partir de onde ler a experiência do Exílio vivido pelo povo de Deus na Babilônia. No segundo capítulo, ao trabalhar o exílio, procuramos evidenciar a figura do Servo de lahweh que proclama com sua vida a justiça e o projeto de vida que sempre esteve presente no coração de lahweh. No terceiro capítulo procuramos fazer uma releitura neotestamentária da figura do Servo de lahweh reconhecendo na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré seu itinerário. Finalmente, no quarto capítulo, procuramos colher a palavra de vida que ilumina nossos passos nos dias atuais a partir da releitura dos cânticos à luz da Boa Nova de Jesus.

A reflexão que fizemos, nos leva a renovar nossa fé na força do mistério da cruz – morte – ressurreição de Jesus como um novo começo da história, como um paradigma que ainda não perdeu a atualidade e como uma nova criação.

Assim como Gênesis 1 relata o início de tudo a partir do “deserto, vazio e trevas”, permeados pelo sopro divino que acordam com a Palavra criador “*Faça-se a luz*”, a ressurreição é o novo começo criador agora com o “*Shalom*” – paz que ilumina e reacende a esperança depois do fracasso, no coração dos discípulos.

Para compreender esta experiência e seu alcance revolucionário dentro do contexto em que emerge e do contexto atual, é necessário considerar o impacto da morte, o fim violento e humilhante do homem que passou fazendo o bem e foi eliminado pelas forças da lei e da religião.

A ressurreição de Jesus é o lugar onde Deus revela a posição que Ele assume quando ocorre o conflito na história humana: não do lado dos que usam seu nome para matar, mas do que morrem para que seu projeto viva.

Jesus de Nazaré passou pelo meio do seu povo fazendo o bem, “*foi um profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo*” (Lc 24,19), mas foi morto pelas mãos dos chefes dos sacerdotes e chefes do povo – era o fim na mente e no coração dos discípulos – era o deserto, o vazio e as trevas.

Deus irrompe neste deserto ressuscitando seu Servo Jesus quem em meio a seus discípulos se apresenta com os sinais de vida que ainda hoje revelam a

ressurreição: a paz – Shalom; a releitura das Sagradas Escrituras; o pão partido e a comunhão fraterna.

Onde se experimenta essa presença mediante estes sinais, nasce o testemunho que gera a comunidade dos ressuscitados e serve à humanidade com o anúncio vital da esperança que nasce da fé e gera a caridade e o diálogo que permite a cada pessoa experimentar na própria vida a ressurreição na força da Palavra que gera a luz e recria o coração humano.

“Faça-se a luz!” No primeiro dia da semana o Senhor está ali onde os discípulos estão reunidos. Aparece de pé e revelando a Palavra recriadora depois do fim.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA DE JERUSALÉM, edição revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

1. Documentos do Magistério:

BENTO XVI, *Verbum Domini*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, São Paulo: Paulinas, 2010

CELAM, *Texto Conclusivo da Assembleia da Conferência Geral do Episcopado Latino Americano*, Documentos Pontifícios 194, São Paulo: Paulus, CNBB, 2007

2. Dicionários e enciclopédias

CHAMPLIN, R.N. PHD *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, vol. 6, São Paulo: Hagnos, 2001, pp. 176-181.

MACKENZIE, J.L., *Dicionário Bíblico, verbete Servo de Iahweh*, São Paulo: Paulus, 1983.

3. Livros e obras completas:

AMSLER, S.; ASURMENDI, J; AUNEAU, J; MARTIN-ACHARD, R. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BARROS, Ernesto Thenn de. *O livro de Isaías*. São Paulo: Imprensa Metodista,

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Jesus Cristo: servo de Deus e messias glorioso: cristologia*. São Paulo: Paulinas, Valencia Siquem 2008.

CERESKO, Anthony R., *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*, São Paulo: Paulus, 1996. p. 244-253.

CROATTO, José Severino. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 1989.

DA SILVA, Valmor, *O Senhor Javé deu-me língua de discípulo. Leitura do terceiro canto do Servo do Senhor segundo Is 50,4-9ª*. In: KAEFER, José Ademar; JARSCHER, Haidi, (orgs.) *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel: uma homenagem a Milton Schwantes*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 85-97.

DUHM, Bernard, Jesaia. *Historischer Kommentar zum Alten Testament*, v. III,1, Goettingen, 1892.

GASS, Ildo Bonn, *Exílio babilônico e dominação persa*, col. Uma Introdução à Bíblia, 3ª edição. São Paulo: CEBI/Paulus, 2004.

HOCH, Lothar Carlos e M.Rocca, L, Susana, “*Sofrimento, resiliência e fé*”, *implicações para as relações de cuidado*, São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.

KNOHL, Israel. *O messias antes de Jesus: o servo sofredor dos manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LINDHAGEN, C. *The Servant Motif in the Old Testament*, Upsala, 1950.

MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre: os Cânticos do Servo de Deus no livro do Profeta Isaías*. Petrópolis: Vozes, Angra dos Reis: CEBI, 1981.

NAKANOSE, S., PEDRO, Enilda de Paula, *Como ler o Segundo Isaías. Da semente esmagada brota nova vida*, São Paulo: Paulus, 2004.

NORTH, Christopher R. *El libro de Isaías Cap. 40-55: introducción y comentario*. Buenos Aires: La Aurora , 1960. 169 p.

P. E. BONNARD, *Le Second Isaie. Son disciple et leurs éditeurs*, Paris, 1972.

POTIN, Jean, *A bíblia devolvida à história*, Lisboa: Instituto Piaget, 2002, p. 172-181.

SCHÖKEL, A., *Profetas, Introdução e comentário*, Ediciones Cristianidad, Madrid, 1979, p. 255-332.

SMITH, Mark, S. *O Memorial de Deus, História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*, São Paulo: Paulus, 2006.

SOBRINO, Jon, *La fe en Jesucristo – Ensayo desde las victimas*, Madrid: Edit. Trotta, 1999

STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*, São Paulo: Paulinas, 1976, p. 194.

STUHLMUELLER, Carroll. *Isaías: Caps. 40-66*. Santander: Editorial "Sal Terrae", 1970.

_____, *Os profetas e a Palavra de Deus*, Bilbao: Ed. Mensajero, 1970. P 48-51; 96-108; 202-205.

VERNER, H., SCHMIDT, T, *A fé do Antigo Testamento*, São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004, p.311-314.

VIGIL, J. M. (org.) *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*, Comissão Teológica Internacional da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro mundo, São Paulo: Paulinas, 2007.

WIÉNER, Claude. *O Dêutero-Isaías: o profeta do Novo Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1980.

WILFRID J. Harrington, OP, *Chave para a Bíblia*, São Paulo: Paulus, p. 137.

1. DISSERTAÇÕES

FERRO, Lorella, *L'efficacia e la fecondità della Paroladi Dio: i canti del Servo e la loro interpretazione*. Tesi di Laurea para magistero in Scienze Religiose. Padova, 1990.

PEREIRA, Sueli da Cruz, *A teologia da cruz em Jon Sobrino: o caminho mistagógico da kenosis*, dissertação de Mestrado, PUC, RJ, março 2011.

4. Periódicos e revistas

ALMADA, Samuel E. *De la dispersión individualista a la comunidad solidaria: lectura del cuarto poema del siervo de Yavé, un horizonte de lectura popular*, Isaías 52:13-53:12. Cuadernos de Teología, Vol./No. 14/2 , p. 15-28, 1995.

ALEGRE, X. *“Marcos a correção de uma ideologia triunfalista”*, Série A palavra na vida, n.8, 5ªEdição, São Leopoldo: CEBI, 2005.

ARANGO L., José Roberto. *O Go'el no Deutero-Isaías*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Vol./No. 18, 1994. p. 46-55.

BARROS, Marcelo, *Hino de resistência do povo excluído. Uma leitura latino-americana do 4º Cântico do Servo Sofredor*, Estudos Bíblicos 105, Petrópolis: Vozes, 2010. p. 32-43.

CHARBEL, Antonio, SDB, *Os Cânticos do Servo de Javé*, em Revista de Cultura Bíblica – RCB, São Paulo. Volume IX, vol. 3-4, p. 147-169, 1972.

COLLI, Gelci André. *O prólogo de Dêutero-Isaías: Isaías 40.1-11 Dinâmica profética através da memória do Êxodo*. Via Teológica, Curitiba , n.11 , p. 73-92, jul. 2005.

CROATTO, José Severino. *Composição e querigma do livro de Isaías*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Vol./No. 35/36 , p. 42-76, 2000.

_____, José Severino. *O Dêutero-Isaías: profeta da utopia*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Vol./No. 24 , p. 38-43, 1996.

CUNHA, Rogério I. de Almeida. *O servo solidário: uma reflexão sobre nossa experiência de Exílio a partir do 2º Isaías*. São Leopoldo: CEBI, 2004.

FLOR, Elmer. *A consolação do povo de Deus: o profeta Isaías reestudado na IELB*. Igreja Luterana, Vol./No. 49/2 , p. 149-168, 1990.

GORGULHO, Maria Laura. *O servo de Javé em Is 53 e o nascimento do Pobre*. Estudos Bíblicos 24. Petrópolis: Vozes, 1989.

HAHN, Noli Bernardo. *Vozes proféticas em Dêutero-Isaías: a recriação da identidade de um povo*. Estudos Bíblicos 103. Petrópolis: Vozes, 2009.

IZIDORO, José Luiz. *A tradição do servo sofredor de Isaías 52,13-53,12 em Jesus de Nazaré*. Estudos Bíblicos 99, Petrópolis: Vozes, 2008.

MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigeyuki, *Sonhar de novo: Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*. Centro Bíblico Verbo São Paulo: Paulinas, 2004.

MUELLER, Enio R. *A importância dos cânticos do servo de Javé para a cristologia do Novo Testamento*. Boletim Teológico, Vol./No. 7, 1986. p. 33-46.

SIQUEIRA, Tércio Machado, *Segundo Isaías: o anúncio da permanente esperança*, Estudos Bíblicos 89, Petrópolis: Vozes, 2006.

SOBRINO, Jon. *Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé*. Concilium, Vol./No. 232, Petrópolis: Vozes, 1990. p. 117-127

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *A Boa-Nova em Isaías 40-66: um evangelho antes do Evangelho*. Estudos Bíblicos, 89, Petrópolis: Vozes, 2006.

2. Documentos obtidos via internet

ADITAL, Agência de Informação Frei Tito para a América Latina 2011, disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&langref=PT&cod=62506> acesso dia 23 nov. 2011.

LIBÂNIO, J. B., *A morte e os jovens*, Fonte: <http://www.jbllibanio.com.br> acesso em 19 mar. 2012.